

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Mestrado Em Turismo

Área de Especialização:

TURISMO E DESENVOLVIMENTO

**ÉVORA, PATRIMÓNIO CULTURAL E TURISMO:
ACESSIBILIDADES E FRUIÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL
EM ÉVORA NUMA PERSPECTIVA DE TURISMO**

Dissertação de Mestrado apresentada por:

João Paulo Ferreira Querido Varela

Orientador:

Prof. Doutor Eduardo Esperança

Évora

Out/10

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Mestrado Em Turismo

Área de Especialização:

TURISMO E DESENVOLVIMENTO

**ÉVORA, PATRIMÓNIO CULTURAL E TURISMO:
ACESSIBILIDADES E FRUIÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL
EM ÉVORA NUMA PERSPECTIVA DE TURISMO**

Dissertação de Mestrado apresentada por:

João Paulo Ferreira Querido Varela

Orientador:

Prof. Doutor Eduardo Esperança

Évora

Out/10

*Dedico este trabalho à minha filha Cutie, para quem todo o esforço vale a pena,
Dedico-o ainda aos meus falecidos pais, Loló e Tchico, que mesmo distantes no outro mundo,
viverem sempre presentes em meu coração.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Doutor Eduardo Esperança todo o apoio, disponibilidade e sabedoria que sempre me transmitiu...

Agradeço à minha tia Fátima, pelo empurrão para esta aventura de Mestrado...

Agradeço à Prof. Doutora Saudade Baltasar pelo seu inestimável apoio na prossecução dos meus estudos em Évora...

Agradeço a todos os meus professores do ano curricular...

Agradeço à Dra. Susana Lima pela sua prestável colaboração...

Agradeço ao Posto de Turismo de Évora por todo o apoio que me concederam...

Agradeço aos meus colegas da Residência António Gedeão pelo apoio na realização dos inquéritos e no lançamento dos dados...

A todos, que de uma forma ou de outra me ajudaram e encorajaram na conclusão deste Mestrado, um MUITO OBRIGADO!

“Na origem do conhecimento estaria um processo dinâmico em que há uma permanente interacção entre o sujeito e o objecto”.

Jean Piaget

RESUMO

Évora, Património Cultural e Turismo: Acessibilidades e Fruição do Património Cultural Em Évora numa Perspectiva de Turismo

Nesta dissertação de mestrado pretendemos aferir sobre as acessibilidades e a fruição do património cultural do Centro Histórico de Évora, numa perspectiva de turismo. Abordamos diversas questões que englobam o património cultural, as suas origens, o seu valor e estado de conservação, e através de inquéritos, procuramos conhecer o perfil do visitante que visita Évora e a sua percepção do meio.

Centramo-nos na problemática das acessibilidades e da fruição, analisando aspectos como as dificuldades das acessibilidades, as sinaléticas e as informações referentes aos monumentos, como principais motivos da visita turística.

Procuramos ainda comparar o Centro Histórico de Évora com os Centros Históricos de Ávila e Segóvia, onde o visitante é melhor informado, podendo assim fruir de melhor forma, o património cultural.

Palavras-Chave

- ✓ Património;
- ✓ Turismo;
- ✓ Fruição do Património;
- ✓ Acessibilidades;
- ✓ Perfil do turista.

ABSTRACT

Évora, Cultural Heritage and Tourism: Accessibilities and Fruition of the Cultural Heritage in Évora, in a Perspective of Tourism.

In this dissertation we want to evaluate the accessibilities and fruition of the cultural heritage in the Historic Centre of Évora, in a perspective of tourism. We address several issues that encompass the cultural heritage, its origins, its value and condition, and through surveys, we tried to frame the profile of the visitors who visit Évora, and their perception of the environment.

We focus on issues of accessibility and enjoyment, examining various issues such as the difficulties of accessibility, the inscriptions and information about the monuments, as major reasons for the tour.

We also tried to compare the Historic Centre of Évora with the historic centers of Avila and Segovia, where visitors are better informed, so they can best enjoy, the cultural heritage.

Password:

- ✓ Heritage;
- ✓ Tourism;
- ✓ Heritage Fruition;
- ✓ Accessibilities;
- ✓ Tourist Profile.

SIGLAS

CME – Câmara Municipal de Évora

GARE – Gabinete de Apoio Rodoviário de Évora

ICOMOS – Concelho Internacional de Monumentos e Sítios

IGESPAR – Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico

GOP – Grandes Opções do Plano – Câmara Municipal de Évora

INE – Instituto Nacional de Estatística

OA – Oficina de Arquitectura

PENT – Plano Estratégico Nacional do Turismo

RENFE - Red Nacional de Ferrocarriles Españoles

SPSS – Statistic Package for Social Science

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

WHOPPIES - Whealthy Healthy Older People

ÍNDICE DAS TABELAS E GRÁFICOS

Tab. 1 – Afluência Turística em Évora.....	45
Tab. 2 – Afluência Turística em Évora Segundo o INE.....	45
Gráfico 1 – Sexo	47
Gráfico 2 – Idade.....	48
Gráfico 3 – Habilitações Académicas.....	49
Gráfico 4 – Situação Profissional.....	49
Gráfico 5 – Nacionalidade	50
Gráfico 6 – Motivos de Visita	51
Gráfico 7 – Meios de Transporte Utilizado.....	52
Gráfico 8 – Tipo de Alojamento.....	52
Gráfico 9 – Duração da Estada.....	53
Gráfico 10 – Frequência da Visita.....	53
Gráfico 11 – Obtenção de Informação sobre Évora.....	54
Gráfico 12 – Património Monumental	55
Gráfico 13 – Gastronomia e vinhos	56
Gráfico 14 – Avaliação do Alojamento	56
Gráfico 15 – Atendimento no Posto de Turismo.....	57
Gráfico 16 – Materiais Promocionais no Posto de Turismo.....	58
Gráfico 17 – Sinalética de Acesso ao Centro Histórico.....	59
Gráfico 18 – Sinalética de Acesso ao Posto de Turismo.....	59
Gráfico 19 – Sinalética dos Monumentos do Centro Histórico.....	60
Gráfico 20 – Sinalética dos Parques de Estacionamento.....	60
Gráfico 21 – Acessibilidades dos Portadores de Deficiência.....	61
Gráfico 22 – Horário de Funcionamento dos Monumentos.....	62
Gráfico 23 – Qualidade dos Serviços de Alojamento.....	62
Gráfico 24 – Classificação da Estada.....	63
Gráfico 25 – Évora – Recomendável como Destino Turístico?.....	64

ÍNDICE

Introdução	1
1 Objectivos	3
1.1 Objecto de estudo	3
1.2 Objectivos	3
2 Estado da Arte.....	4
2.1 Património e cultura	4
2.2 Turismo Cultural	7
2.3 Centro Histórico de Évora: Origens e Situação do Património Cultural	13
2.4 Património: Reconhecimento em Portugal	18
2.5 Gestão do Património Eborense.....	19
2.6 Património e Turismo em Évora	21
3 O Património Mundial.....	26
3.1 A UNESCO e a Protecção do Património Mundial	26
3.2 Os Casos de Ávila e Segóvia.....	27
3.2.1 Ávila	28
3.2.2 Segóvia.....	30
4 Problemática	32
4.1 O Planeamento em Évora	32
4.2 As Acessibilidades e a Sinalética	34
4.2.1 Acessibilidades a Pessoas com Mobilidade Reduzida.....	36
5 Metodologia.....	39
5.1 População, Amostra e Recolha de Dados	41
5.2 Instrumentos de Recolha de Dados.....	42
5.3 Análise de Dados	42
5.4 Resultados Esperados.....	43
6 Apresentação dos Resultados.....	44
6.1 População de visitantes	44
6.2 Caracterização Sócio-Demográfica dos Inquiridos	46
6.3 Perfil dos Inquiridos.....	47
6.4 Motivos de Visita	50

6.5	Meio de Transporte, Tipo de Alojamento, Duração da Estada, Frequência de Visita e Obtenção de Informação sobre Évora	51
6.5.1	Meio de Transporte Utilizado	51
6.5.2	Tipo de Alojamento	52
6.5.3	Duração da Estada	53
6.5.4	Frequência de Visita a Évora	53
6.5.5	Obtenção de Informação sobre Évora	54
6.6	Análise em Relação ao Grau de Satisfação dos Inquiridos	54
6.6.1	Avaliação do Património Monumental	54
6.6.2	Avaliação da Gastronomia e Vinhos	55
6.6.3	Avaliação Do Alojamento	56
6.7	Acessibilidades e Informações	57
6.7.1	Acolhimento no Posto de Turismo	57
6.7.2	Posto de Turismo: Materiais de Informação Turística	57
6.7.3	Sinalética de Acesso ao Centro Histórico	58
6.7.4	Sinalética de Acesso ao Posto de Turismo	59
6.7.5	Sinalética dos Monumentos do Centro Histórico	60
6.7.6	Sinalética dos Parques de Estacionamento	60
6.7.7	Sinalética dos Portadores de Deficiência	61
6.7.8	Horário de Funcionamento dos Monumentos	61
6.7.9	Qualidade dos Serviços de Alojamento	62
6.8	Avaliação da Estada e da Expectativa em Relação a Évora	63
6.8.1	Estada	63
6.8.2	Recomendação de Évora como Destino Turístico	63
6.9	Análise Conclusiva	64
7	Considerações Finais e Propostas	67
8	Bibliografia	70
9	Sites Consultados	75
10	Anexos	78
	Anexo I – Modelo de Questionário Utilizado	78
	Anexo II – Quadros do Perfil do Turista, Extraídos por SPSS	84

Introdução

Esta dissertação enquadra-se no âmbito do Mestrado em Turismo, especialização em Turismo e Desenvolvimento, ministrado pela Universidade de Évora, e tem como tema “Évora, Património e Turismo: Acessibilidades e Fruição do Património Cultural numa Perspectiva de Turismo”.

O ponto de partida para este tema surgiu de questões de interesse pessoal, dando prosseguimento a outros trabalhos já realizados no âmbito do Primeiro Ciclo.

Embora sendo uma área muito estudada nos meios académicos e empresariais locais, a verdade é que poucos estudos tenham já sido publicados nesta matéria, para esta cidade. Teve mais peso o sector das acessibilidades e fruição do património, uma vez que, residindo na cidade e estudando turismo durante quase dois anos, pudemos aperceber-nos da deficiente situação em que se encontram as acessibilidades e a fruição do património no Centro Histórico de Évora.

Uma vez que Évora, como Património Mundial da Humanidade, atrai por esse motivo, um número elevado de turistas, porque não auxiliá-los de forma eficiente e eficaz, nas suas deslocações na cidade e nas informações que pressupostamente, os pudesse interessar?

No sentido de tentar perceber o estado real das acessibilidades e a sua influência na mobilidade pela cidade, tentamos ir de encontro à percepção dos visitantes, conhecendo o seu perfil, e também, através da observação directa, assinalar as principais dificuldades encontradas pelo turista durante as suas curtas férias, no que toca à visita dos monumentos, fazendo um levantamento dos processos de fruição existentes e a sua relação com o turismo.

Porque é que Évora foi reconhecida como Centro Histórico e classificada como Património Mundial da Humanidade pela UNESCO?

Aquilo pelo qual Évora foi reconhecida como Centro Histórico e declarada como Património Mundial pela UNESCO é o que leva o visitante, a procurar em Évora.

Nesse contexto, coloca-se a questão da preservação, apresentação, acessibilidades e fruição do património para todos, nacionais e não só, visto ser um atractivo natural de visitantes que procuram tão só conhecer mais um marco importante da história universal, onde Évora se posiciona com grande notoriedade.

Assim, ao dispor o seu património como o principal factor de atracção de turistas, sem apartar a necessidade da sua preservação e melhoramento das suas acessibilidades, a cidade sente a responsabilidade de estudar e promover acções de cariz público e privado, que visem essencialmente facilitar o encontro do turista com o seu património.

Para responder aos objectivos deste projecto, a macroestrutura envolve os seguintes capítulos:

- ✓ Estado da Arte: Centro Histórico de Évora: Património Cultural, origens e situação;
- ✓ A problemática das acessibilidades e fruição;
- ✓ Apresentação dos resultados do inquérito;
- ✓ Considerações finais e propostas.

Com a ideia sempre presente do património ser a primeira motivação das visitas turísticas a Évora, pareceu-nos pertinente elaborar este trabalho onde pudesse abordar aspectos salientes neste contexto, de património, turismo e a Cidade de Évora.

Em suma, desejamos que os centros históricos se tornem não só lugares mais “elaborados e laboriosos”, como afirma García Marques, mas também componentes fundamentais de uma dinâmica regional mais vasta.

1 Objectivos

1.1 Objecto de estudo

Aferição e análise das acessibilidades e fruição do Património Cultural em Évora, numa perspectiva de turismo.

Pretendemos fazer uma aferição estrutural dos vários factores que contribuem para a utilização do Património Cultural em Évora numa perspectiva de turismo.

1.2 Objectivos

Traçamos como objectivo principal desta dissertação o estudo da relação do património do Centro Histórico de Évora, em Portugal, com os seus visitantes. Neste contexto, os objectivos específicos passam por aferir o estado das acessibilidades e fruição do património no Centro Histórico de Évora enquanto Património da Humanidade, apontando as debilidades e outras questões relacionadas com as acessibilidades e os equipamentos colocados ao serviço dos visitantes.

São ainda objectivos específicos deste trabalho, inquirir sobre os motivos que trazem turistas e visitantes a Évora, conhecer o seu perfil enquanto consumidores, (as suas aspirações, expectativas, do que gostam e o que preferiam ainda encontrar na cidade) e, procurar equacionar como enquadrar os processos de fruição ao seu perfil.

Por fim, encontrar formas concretas de articulação e complementaridade funcional entre os vários espaços, sem descuidar a preservação simultânea da sua autenticidade cultural e natural, e propor a procura de plataformas de consenso quanto a estratégias e políticas possíveis no actual quadro turístico eborense, apelando para o efeito a uma participação por parte de todos os intervenientes neste sector.

2 Estado da Arte

O mais surpreendente será pensarmos que uma tal beleza começou por não existir. O lugar estava ali, estava ali a colina, o monte, a altura desafogada de onde os olhos poderiam abraçar um vasto horizonte, tão vasto que mais parecia estar a planície a empurrá-lo até ao infinito. Apesar de perto correr uma ribeira, daquelas que sempre atraíram e depois fixaram a morada dos humanos para lhes oferecer o alimento e o fresco do corpo, esta colina, que um dia viria a receber o mágico nome de Évora, só teve para dar, durante anos e anos sem conto, a mesma humildade de quantas a rodeavam - ser atalaia de pastores e mirante de viajantes perdidos à procura de um caminho. O destino dos lugares, porém, é como uma carta fechada à espera do gesto único que um dia a dará a conhecer.

[...] A singularidade de Évora não deve, porém, ser procurada nas suas igrejas nem nos seus palácios. Palácios e igrejas é o que não falta pelo mundo fora, muitos deles, sem dúvida, de maior beleza e sumptuosidade do que estes que a invenção criadora e o engenho edificador das gerações portuguesas souberam erguer aqui. Évora podia ter a Sé, e apesar disso não ser Évora. Podia apresentar à admiração universal a relação completa dos seus monumentos, e Évora continuar a não ser. Podia enumerar e descrever com amorosa minúcia os méritos arquitectónicos e artísticos de S. Francisco e de S. Brás, dos Paços de D. Manuel e da Igreja da Graça, dos Lóios e do templo romano, do aqueduto da Água da Prata e do Seminário Maior, e ainda assim não chegaria a ser Évora.

[...] Porque Évora é principalmente um estado de espírito, aquele estado de espírito que, ao longo da sua história, a fez defender quase sempre o lugar do passado sem negar ao presente o espaço que lhe é próprio, como se, com o mesmo olhar intenso que os seus horizontes requerem, a si mesma se tivesse contemplado e portanto compreendido que só existe um modo de perenidade capaz de sobreviver à precariedade das existências humanas e das suas obras: segurar o fio da história e com ele bem agarrado avançar para o futuro. Évora está viva porque estão vivas as suas raízes.

José Saramago, in Évora, Património da Humanidade

2.1 Património e cultura

Dissecando a expressão património cultural, começamos por indagar sobre os significados de cultura e de património. O desenvolvimento desses conceitos é de suma importância para se perceber a enorme diversidade cultural em apreciação.

Etimologicamente, a origem do termo cultura remonta ao final do Séc. XVIII e princípio do seguinte, do termo germânico *Kultur*, que simbolizava todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *Civilization* tinha a ver com as realizações materiais de um povo. Os dois termos foram sintetizados por Edward Tylor no vocábulo inglês *Culture* que, citado por Laraia, “tomado em seu sentido etnográfico é este todo o complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, leis, costumes ou qualquer outra

capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (Laraia, 2000: 25, citado por Beltrão).

Para Beltrão, a palavra cultura tem variado de conceito ao longo da história, em função de uma escola de pensamento a outra, de uma sociedade ou de uma época a outra, assim como da sua aplicação a um ou outro campo de estudo e as tentativas de delimitá-la conceptualmente não têm chegado a avanços significativos.

Procurando o conteúdo conceptual do termo, a ideia central do conceito antropológico é a de que cultura é todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que não depende de uma transmissão genética (Laraia, 2000: 30, citado por Beltrão). Ao nascer, a mente humana é uma caixa vazia pois que não possui orientações genéticas. O homem organiza a sua conduta colectiva através de sistemas simbólicos que cria e transmite sob a forma de regras. E é assim que produz uma forma específica de adaptação ao meio ambiente que envolve tanto a produção de conhecimentos como a de técnicas, isto é, comportamentos padronizados, que são apreendidos e transformados por cada geração. É nesse sentido que o homem construiu, através de sistemas simbólicos, um ambiente artificial no qual vive e o qual está continuamente transformando. A cultura é exactamente esse movimento de criação, transmissão e reformulação desse ambiente artificial (Durham, 2001: 175, citado por Beltrão).

Por sua vez, o património é um termo antigo que esteve ligado, inicialmente, às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no tempo e no espaço. Sendo requalificada por diversos adjectivos (genético, natural, histórico, etc...) que a tornaram num conceito nómada, segue hoje uma trajectória diferente.

Assim para Beltrão, “hoje em dia, o património é o que herdamos do passado, com o qual vivemos hoje, e que passaremos às gerações futuras”.

Beltrão aponta ainda, que inicialmente, mereceu atenção a categoria do património relacionada mais directamente com a vida de todos, que era o património histórico representado pelas edificações e objectos de arte. Dá-se aos poucos a passagem do conceito de património histórico para o de património cultural, de tal forma que uma visão inicial reducionista que enfatizava a noção do património nos aspectos históricos

consagrados por uma historiografia oficial foi-se projectando até uma nova perspectiva mais ampla que incluiu o “cultural”, incorporando ao “histórico” as dimensões testemunhais do quotidiano e os feitos não tangíveis (Durham, 2001: 175, citado por Beltrão).

O conceito de património cultural está relacionado com a retomada da própria definição antropológica da cultura como “tudo o que caracteriza uma população humana” ou como “o conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de uma dada formação social” ou ainda, como “todo o conhecimento que uma sociedade tem de si mesma, sobre outras sociedades, sobre o meio material em que vive e sobre a sua própria existência” (Santos, 2003), inclusive as formas de expressão simbólica desse conhecimento através de ideias, da construção de objectos e das práticas rituais e artísticas.

Nos termos do novo quadro jurídico português, o património cultural é «constituído por todos os bens (materiais e imateriais) que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objecto de especial protecção e valorização, mas, também, quando for caso disso, os respectivos contextos que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa. (...) O interesse cultural relevante, designadamente histórico, paleontológico, arquitectónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico dos bens que integram o património cultural reflectirá valores de memória, antiguidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade» (Lei nº 107/2001, de 8 de Setembro).

Neste novo milénio assiste-se a um novo regime de protecção e valorização do património cultural português. As suas finalidades, enquanto tarefa fundamental do Estado e dever dos cidadãos, são: «incentivar e assegurar o acesso de todos à fruição cultural; vivificar a identidade cultural comum de Portugal e das comunidades regionais e locais a ela pertencentes e fortalecer a consciência da participação histórica do povo português em realidades culturais de âmbito transnacional; promover o aumento do bem-estar social e económico e o desenvolvimento regional e local; defender a qualidade ambiental e paisagística» (Lei nº 107/2001, de 8 de Setembro).

2.2 Turismo Cultural

Entenda-se Turismo Cultural como o segmento do turismo que foca a cultura, especialmente a arte, seja ela nacional ou regional. Aborda as comunidades tradicionais que possuem costumes diversificados, que sejam uma forma ímpar de arte, que tenham práticas sociais distintas e que basicamente se distinguem de outros tipos ou formas de cultura. O Turismo Cultural inclui o turismo em áreas urbanas, em particular às cidades grandes ou históricas e os seus atractivos como museus e teatros. Inclui ainda o turismo em áreas rurais englobando tradições de comunidades culturais naturais, como por exemplo os festivais, os rituais, e os seus valores e estilo de vida. Esta forma de turismo vem-se tornando cada vez mais popular na Europa.

Caracteriza-se por uma permanência prolongada e um contacto mais próximo com a comunidade, ocorrendo viagens menores e suplementares dentro da mesma localidade, com o intuito de melhor conhecer a experiência cultural.

Os alicerces do turismo cultural “situam-se no esforço de conhecer, pesquisar e analisar dados, obras ou factos, em suas variadas manifestações” (Andrade, 1976). Este segmento de turismo é muitas vezes percebido de forma superficial como uma actividade de simples contacto com a cultura do anfitrião. É certo que a visita a uma localidade produz um contacto cultural, entretanto, este contacto dá-se normalmente de forma superficial e não preparada. Para a existência de Turismo Cultural, não conta apenas a visita a instituições culturais tais como museus e teatros, mas sim, “o esforço de conhecer, pesquisar e analisar os dados” como salienta Andrade.

Perez (2001) considera que o turismo pode ser considerado em si como um acto e uma prática cultural, pelo que a expressão “turismo cultural” aparenta ser uma reiteração. Entretanto, este autor acha pertinente falar de “turismo cultural” em sentido restrito, porque face ao turismo convencional e de massas, o turismo cultural significa uma reacção contra a banalização social e o excesso de mercantilização.

Para Bennett (1995), o termo cultura pode ser utilizado para designar um produto ou processo. No primeiro caso, cultura significa o resultado do conjunto de actividades

artísticas e culturais, na forma de produtos tangíveis ou não. Nele, a cultura consiste em edifícios, músicas, danças, pinturas, festivais, entre outros produtos. No segundo caso, cultura assume amplitude antropológica, referindo-se ao modo de vida de uma determinada população, falando-se assim em cultura portuguesa, alentejana, eborense, entre outras.

Se é certo que a cultura se tem convertido em “recurso”, “produto”, “experiência” e “mais-valia”, é numa perspectiva humanista que se pode encontrar várias definições do que se entende e se pode entender como turismo cultural. Perez (2001), que cita algumas reflexões, que à partida não se mostram necessariamente opostas.

Urry, (1990), citado por Perez, (2001), argumenta que vivemos numa sociedade pós moderna na qual há uma tendência para a nostalgia, que se manifesta também numa atracção nostálgica pelo património cultural, enquanto representação simbólica da cultura, sendo esta uma das motivações mais fortes para a prática do turismo cultural, um turismo que destaca a cultura sobre a natureza. Segundo este sociólogo britânico, a causa do auge e da decadência dos locais tradicionais de férias (praia e montanha) tem a ver com a cisão contemporânea da identidade social. Se antes as férias estavam orientadas em função do tempo de Verão e da família, hoje em dia isto mudou e re-inventaram-se novos tipos de turismo que servem a recriação dessas novas identidades sociais.

De uma perspectiva histórica, Perez (2001) cita Pascal Ory (1993) que afirma que o turismo cultural está ligado a algo que sempre tem existido, a curiosidade, isto é, o interesse dos sujeitos pela formação, pela estética, pelo património cultural e a criação cultural de outros países. Para Ory (1993), há três etapas históricas básicas:

1. A Antiguidade e a Idade Média, caracterizadas pelas suas peregrinações a santuários famosos, ex.: Ephesus, Santiago de Compostela;
2. As grandes viagens dos Séc. XVIII e XIX, quando intelectuais e artistas do Norte de Europa visitam o Sul de Europa;
3. A actualidade, quando o turismo cultural se converte num segmento do turismo de massas, sobretudo praticado pelas pessoas de maior capital cultural.

Perez (2001), destaca também a posição de Wolfe (1968), que seguindo a ligação que Ory estabelece entre religião e cultura, encontrou paralelismo entre as catedrais medievais e os modernos centros de turismo cultural (museus, centros de arte, etc.). Esses dois elementos representam um repto para os arquitectos mas também uma peregrinação, e neste sentido, é entendido o turismo cultural como um rito que celebra a cultura como um substituto actual da religião.

Perez apresenta-nos ainda a definição de turismo cultural dada pela organização norte-americana de defesa do Património Cultural, a “National Trust for Historic Preservation” (1993), que encara o turismo cultural, do ponto de vista da procura, como “a prática de viajar para experimentar atracções históricas e culturais com o fim de aprender sobre o passado de uma região ou um país, de uma maneira divertida e informativa”. Se nesta visão historicista, o turismo cultural é definido como um olhar experimental sobre o passado, de um ângulo mais crítico Richards (2001) afirma que, o turismo cultural produz, vende e consome ainda o “presente”, mas também, que é desde o presente que atribuímos valores aos legados culturais.

De acordo com o exposto acima, nota-se que o património cultural é de extrema utilidade para a actividade turística, quando se observa o interesse em conhecer o legado cultural de destinos turísticos. Contudo, embora grande parte da vitalidade do turismo proceda do património cultural, deve-se evitar que este seja considerado apenas como uma mercadoria ao serviço da sua actividade.

Na Carta de Turismo Cultural do ICOMOS (1976), o turismo cultural é entendido como um facto social, humano, económico e cultural irreversível. É uma forma de turismo que tem por objecto central o conhecimento de monumentos, sítios históricos e artísticos ou qualquer elemento do património cultural (Perez, 2001). Exerce um efeito positivo sobre estes porque contribui para a sua conservação, mas também corre-se o risco de provocar efeitos negativos que devem ser evitados por meio da educação e de medidas políticas concretas.

Perez (2001) cita Clifford (1999) que fala do turismo cultural, mas já não segundo o ponto de vista dos produtores e dos produtos mas sim, segundo o ponto de vista dos consumidores e do consumo. Para Clifford esta é uma forma específica de viajar que abarca uma variedade

de práticas mais ou menos voluntaristas de abandonar “o lugar” para ir para “outro lugar”. A deslocação ocorre com um propósito de ganância que pode ser material, espiritual ou científica. Envolve a aquisição de conhecimentos e/ou ter uma “experiência” excitante, edificante, agradável, nova e de ampliação de conhecimentos. A viagem denota práticas mais ou menos voluntárias de abandono do terreno familiar, em busca da diferença, da sabedoria, do poder, da aventura ou de uma abordagem diferente.

Richard (2000) citado por Perez (2001), por seu lado, define o turismo cultural como: “o modo como os turistas – aquelas pessoas que viajam fora dos seus locais de residência – consume a cultura”. Aqui, a cultura é entendida desde um ponto de vista antropológico como o conjunto de crenças, ideias, valores e modos de vida de um grupo humano (aspecto moral da cultura), mas também como os artefactos, a tecnologia, e os produtos de um grupo humano (aspecto material). Para Richards (2000) um exemplo de turismo cultural seria visitar lugares de interesse cultural e monumentos, ou consumir o modo de vida das culturas visitadas. Ainda segundo o mesmo autor, o acréscimo de visitas culturais está em relação com o aumento do número de atracções culturais a visitar, isto é, alarga-se cada vez mais o conceito de cultura, de produção cultural e de consumo cultural, em constante redefinição pelo mercado e os agentes produtores Richards (1996 e 2001).

Perez (2001) cita ainda Boniface (1995), que do ponto de vista do marketing cultural, entende o turismo cultural como uma visita fugida à alteridade, uma fuga às rotinas quotidianas que procura o excitante, a paz, a tranquilidade e os sítios de interesse cultural.

Para Köhler e Durand (2007), as definições de turismo cultural baseadas na procura, ou seja, nas experiências pessoais que advêm do consumo turístico, têm como principal ponto positivo o facto de os turistas interpretarem o mesmo objecto ou destino de formas diferentes. Segundo estes autores, o conjunto de definições de turismo cultural baseadas na procura apresenta como principal problema a delimitação do que constituiria uma atracção cultural. A dependência das experiências pessoais dos turistas, com a atribuição diferenciada de significados a espaços e objectos, torna difícil definir o que é e o que deixa de ser uma atracção cultural. O alargamento indefinido dos espaços e objectos vistos como culturais, bem como a natureza subjectiva da experiência, faz com que esse conceito seja de difícil aplicação prática. O conjunto de definições de turismo cultural baseadas na procura

dificulta a operacionalização do conceito por parte do poder público, por exemplo, numa proposta de fomento e regulação do turismo cultural em bens edificados, (Köhler e Durand, 2007).

Nesse sentido Köhler e Durand (2007), citam Boyd (2002) que adopta um conceito abrangente de turismo cultural ao estudar o Canadá, incluindo na mesma definição, visitas ao património natural (ex.: rios e parques nacionais), às actividades produtivas locais (ex.: madeiras e minas de carvão), contacto com a população local (ex.: moda e culinária) e com o património pessoal (aspectos do dia a dia relevantes da população), além de visitas a bens culturais materiais, festivais, eventos e museus. É por isso que quase 75% de todos os turistas domésticos canadianos são classificados como turistas culturais, e parte dos 25% restantes também podem ser turistas culturais, caso seja adoptada tal visão “holística”.

As definições de turismo cultural segundo a oferta, para Köhler e Durand (2007), baseiam-se no desfrute turístico de equipamentos e atracções previamente classificados como culturais: sítios e centros históricos, festivais, gastronomia local, centros de interpretação patrimonial, mercados tradicionais, museus, entre outros espaços, objectos e eventos. Trata-se de um conceito baseado na oferta de atracções culturais, previamente classificadas como tal e aptas ao consumo do fluxo turístico.

Dessa perspectiva, Köhler e Durand (2007) citam MacKercher e Du Cros (2003) para quem o conceito de património cultural da ICOMOS é usado para definir a oferta de atracções culturais de uma cidade, região ou país. Logo, a oferta de atracções culturais consiste em:

“Patrimônio cultural, um conceito amplo que inclui bens tangíveis, como ambientes naturais e culturais, incluindo paisagens, locais históricos, sítios e ambientes construídos, assim como bens intangíveis como coleções, práticas culturais passadas e atuais, conhecimento e experiências de vida. Exemplos de patrimônio tangível incluem museus, prédios históricos, sítios religiosos e talvez parques temáticos, se eles têm um foco patrimonial, enquanto o patrimônio intangível inclui coleções, performances e festivais. Elas não incluem, no entanto, atrações turísticas que não têm um foco cultural ou patrimonial claro e reconhecível “(MCKERCHER; DU CROS, 2003:48).

Esta definição, muito próxima à de Bennett (1995), parece ser a mais abrangente para a conceitualização do segmento de turismo cultural, uma vez que, conseguindo prover uma delimitação razoável desse segmento do mercado turístico, sem excluir os elementos tangíveis e intangíveis que possam ser classificados como património cultural, essa definição permite que esse segmento de mercado seja identificado e estudado, com a análise de factores como a sua magnitude, padrões de visitas e gastos no destino, o que permite, por exemplo, fornecer subsídios para propostas de fomento e regulação estatal de actividades de turismo que envolvam bens culturais de um destino turístico, independentemente das experiências pessoais permitidas pela visita.

O turismo cultural, como já foi dito atrás, é uma forma de consumo de determinados bens e produtos culturais, os quais merecem especial atenção, na abordagem deste tema. Esses bens culturais, de valor histórico, artístico, científico e simbólico, que compõe o universo das atracções do turismo cultural, vão desde os arquivos, edificações, conjuntos urbanísticos, sítios arqueológicos, ruínas, museus e outros espaços destinados à apresentação ou contemplação de bens materiais e imateriais, até às manifestações como música, gastronomia, artes visuais e cénicas, festas e celebrações. Os eventos culturais englobam ainda as manifestações temporárias, tais como os eventos gastronómicos, religiosos, musicais, de dança, de teatro, de cinema, exposições de arte, de artesanato e outros. De salientar que estes eventos podem ou não estar enquadradas na definição de património.

Isto mostra o carácter “experiencial” do turismo cultural, através do qual os turistas contactam com produções e património culturais.

Perez (2001), resume a oferta do turismo cultural baseada em vários tipos de atracções:

1. Património cultural:

- ✓ O maior atractivo para os turistas culturais;
- ✓ Representa uma cultura através de uma série de elementos, imagens, objectos e símbolos;
- ✓ Mostra a identidade cultural de um grupo humano.

2. Lugares de recordações e memórias:

- ✓ Atraem visitantes pelo seu atractivo histórico, artístico ou literário (ex.: .

3. Artes:

- ✓ Servem para alargar as estadias dos turistas (ex.: festivais famosos: Vilar de Mouros em Portugal; Edimburgo, etc);
- ✓ Ópera, dança, teatro, música, etc. (ex.: Teatros como a Scala de Milão, a Ópera de Viena ou Sidney, etc.).

Segundo Richards (1996) citado por Perez (2001), é na Europa que está a acontecer não só um aumento de turismo cultural, como também um aumento na produção de bens culturais, patrimoniais e artísticos, utilizada com fins de rentabilidade económica, política, social e cultural. Porém, vários países, regiões e cidades ao redor do mundo criaram políticas públicas para fomentar o turismo cultural, num mercado caracterizado pela crescente competição entre os destinos (Köhler e Durand, 2007). Contudo, deve-se sempre evitar converter os produtos do turismo cultural em simples mercadorias, e sim em mediadores de uma experiência e vivência de aprendizagem inter-cultural.

2.3 Centro Histórico de Évora: Origens e Situação do Património Cultural

O Concelho de Évora, que em 2009 atingiu 54.469 habitantes (INE, Censo 2009) em pleno coração do Alentejo, alia a sua beleza a um Centro Histórico detentor de um vasto património histórico, cultural e religioso, que conseguiu preservar toda a sua identidade cultural a ponto de ser classificado pela UNESCO em 1986, como Património Mundial da Humanidade. Esse património de elevado valor coloca a cidade entre os principais destinos de turismo cultural português.

Évora dispõe ainda de outras vantagens geográficas como a sua localização próxima a Lisboa, Espanha e Algarve, que representam grandes concentrações de turistas, o clima

mediterrâneo que proporciona temperaturas amenas e, as actividades profissionais e produtivas da região. Estas actividades variam essencialmente em torno da pastorícia, da exploração do subsolo, da silvicultura, da agricultura e da pecuária, e dos seus derivados como os queijos, a carne, os enchidos, os vinhos, o azeite, o mel e a cortiça.

Para Túlio Espanca (1980), as primeiras referências são de Plínio que a chamou de Eborá Cerealis, devido à fertilidade do seu solo, antes mesmo do período romano, importantes pontos fortificados integrada na nação lusitana e que, fora capital do reino céltico de Astolpas, sogro de Viriato. Dada a sua localização entre os itinerários e vias, que a davam um notável interesse económico no sul do Tejo, veio a ser conquistada por Júnio Bruto no Séc. II a.C. Com a ocupação dos romanos que foram cedendo territórios entre o Guadiana e o Tejo, para ali se transferiram numerosas tribos lusitanas de origem galaica. Foi durante a pacificação surgida no reinado de Júlio César que a Cidade de Eborá que tinha o título de liberalistas (liberdade) passou a chamar-se Liberalitas Júlia, grande cidade de direito latino.

Em 1165 foi conquistada aos mouros pelo bandido Geraldo Sem Pavor, e restaurada a sua diocese. Residência régia durante muitos anos, principalmente nos reinados de D. João III, teve o seu momento alto no Séc. XVI quando foi elevada a metrópole eclesiástica e fundada a Universidade de Évora, afecta à companhia de Jesus pelo Cardeal Infante D. Henriques, primeiro Arcebispo da Cidade. Por toda a Idade Média, principalmente com a dinastia de Avis, Évora foi uma das mais importantes cidades do reino. Tinha o mesmo número de habitantes que o Porto no início do Séc. XVI. Um duro golpe para Évora foi a extinção da prestigiada instituição universitária em 1759, que assim ficou durante cerca de dois séculos, na sequência da expulsão dos jesuítas do país, por ordem do Marquês de Pombal. E, sendo dotada de obras de arte ao longo de todo este tempo, testemunha-se em Évora, diversos estilos e coerentes estéticas (romano, gótico, mudéjar, manuelino, barroco) de tal valor patrimonial que estiveram na base da sua classificação como Património Mundial da Humanidade, pela Unesco, em 1986 (Espanca, 1993).

O mesmo autor afirma ainda que a cidade foi objecto de reconstrução e de adaptação da sua malha urbana pelos visigodos e muçulmanos após a sua conquista aos romanos. Do longo domínio muçulmano, Séc. VIII a Séc. XIII, restam muitos vestígios, sobretudo no tecido

urbano e na tipologia das construções que se fecham para a rua e se abrem para pátios e jardins interiores.

Oliveira (2007), argumenta que a população sempre se apropriou desse património e é esta apropriação que constitui a característica única que a cidade mantém, ou seja, o património de Évora nunca ficou isolado, nem contemplativo, pelo contrário, sempre foi utilizado, vivenciado. Um exemplo disso são as casas construídas na Rua do Cano, que aproveitaram da própria estrutura do Aqueduto da Água da Prata. É o mesmo que dizer que a população, por necessidade, aproveita-se dos monumentos herdados, vivendo em harmonia com os mesmos, preservando-os e valorizando-os.

Com a chegada dos cristãos, os muçulmanos foram empurrados para um bairro da cidade que, ainda hoje, tanto pela sua arquitectura como pela própria toponímia, tem o nome de Mouraria. Um pouco mais a Sul, ficaram os judeus, na Judiaria, e a comunidade cristã ficou na parte em torno da Sé, a partir dos séculos XII e XIII. É nesta zona que nasce um segundo circuito de muralhas, iniciada com o rei D. Afonso IV e concluída no reinado de D. Fernando, no Séc. XIV, muralha esta que vem a ser completada com elementos de arquitectura militar francesa, em tempos mais recentes (Oliveira, 2007).

Os factores que tiveram mais influência no carácter erudito que a cidade mostra são a Residência Real e a Universidade, defende Oliveira (2007), que completa “é uma cidade típica do renascimento, com os seus palácios, conventos e igrejas do Séc. XVI, que mantém ainda hoje um carácter próprio que o estilo barroco não destruiu”. Porém, mesmo com toda esta erudição, a sua arquitectura conseguiu criar um ambiente local, muito espontâneo em certos pormenores, que revelam uma persistência popular única. Exemplo desse facto é a majestosa catedral, o templo romano e o labirinto das ruelas medievais limitadas por palácios, solares e casas nobres, que testemunham o facto de Évora ter sido a segunda cidade de Portugal, no que respeita à sua importância artística, cultural e administrativa, logo a seguir a Lisboa (Oliveira, 2007).

“A mistura do erudito e do popular, com uns traços de imprevisível, faz Évora emanar uma frescura e ingenuidade só possíveis com uma grande ligação à terra” (Oliveira, 2007). Dois lados bem definidos da arquitectura de Évora são o contraste do granito com a cal e, as soluções de abóbadas e arcos, construídos em grande número e variedade. Nesta matéria,

Évora muito deve aos irmãos Arruda Évora. O centro histórico da cidade é bem delimitado por duas cinturas de muralhas que têm acompanhado a transformação histórica da cidade e que são, notadas da mesma maneira que as suas construções, sejam elas religiosas ou civis.

A progressiva confinação da cidade às muralhas, que foram sucessivamente construídas, e o crescimento extravasando essa confinação, são características do crescimento urbano da cidade de Évora praticamente até ao Séc. XX, (Oliveira, 2007).

A partir do Séc. XIX, e principalmente no Séc. XX que, com a estabilização da fronteira e com a identidade nacional, Évora deixa de ter a importância militar que tinha até então. Muitos desses espaços de retaguarda da muralha foram adaptados a espaços públicos, como é o caso do Jardim Público e da mata. E aqui perdeu-se muito património, pois particularmente no Séc. XIX, foram demolidos muitos edifícios, embora outros tivessem sido construídos.

Assim, retrospectivamente, a evolução da cidade foi-se fazendo sem grandes sobressaltos, desde a Évora romana até à primeira metade do Séc. XX. Mas a partir da segunda metade do Séc. XX, a cidade começou a crescer muito desordenadamente, em torno de bairros, na sua maioria de génese clandestina e que marcaram bem o tipo de crescimento a partir dessa altura, (Oliveira, 2007).

Por volta de 1920 registou-se um importante período de crescimento no Bairro dos Leões; De 1920 a 1930 construíram-se os campos desportivos e o núcleo dos bairros de Santa Maria, da Senhora da Glória e do Chafariz d'el Rei, afastados do chamado centro histórico, ou seja, do perímetro definido pela última muralha; De 1930 a 1940 continuam a aparecer bairros no Rossio e no Chafariz d'el Rei; Nos anos cinquenta há cada vez mais proliferação destes bairros; Esta mancha de crescimento vai continuar sem parar até aos anos setenta, com o início da construção do bairro da Malagueira, que só ficou concluído em 1997, (Oliveira, 2007), que avança que a partir do 25 de Abril, por acção municipal, faz-se um grande esforço para recuperar os bairros clandestinos que, com a aprovação do primeiro plano de urbanização, são integrados e dotados de infra-estruturas de qualidade, embora se perca uma uniformidade urbanística e a cidade fique com muitas assimetrias entre esses bairros, o que veio penalizar a sua imagem.

A recuperação de muita da construção extramuros, dando origem a uma imagem de mais qualidade, tem tido alguns casos de sucesso. Nas construções de raiz clandestina não tem havido muita recuperação mas, nos espaços públicos e nos novos empreendimentos urbanísticos tem-se conseguido um crescimento de forma ordenada, principalmente a partir do Plano Urbanístico para Évora do ano 2000, que dotou a cidade de um conjunto de regras que têm tido resultados positivos. O objectivo foi articular o centro histórico com os bairros periféricos, de modo a que Évora passasse a funcionar como uma cidade e não houvesse uma lacuna entre as zonas intramuros e extramuros, (Oliveira, 2007).

No novo modelo patrimonial, para além das construções e da relação territorial que cada construção estabelece com a sua envolvente, a Câmara Municipal atribui crescente atenção e importância aos espaços públicos, reconhecendo-os como elementos estruturantes do aglomerado urbano e essenciais para a garantia de qualidade de vida dos habitantes (PDM, 2008).

Para Costa (2007), nos dias de hoje, as questões de Património e Cidade estão submersas pela crise do actual modelo de desenvolvimento e crescimento económico. A par de um quadro legislativo e regulamentar excessivamente perturbador, pela sua rigidez, das relações do cidadão com o seu habitat, assiste-se ao desenho de novos modelos de actuação que tendem a não ultrapassar uma reengenharia do modelo em crise.

Sendo uma área de constante preocupação ao longo de todas as épocas, e sendo consensual que já existem 80% das construções necessárias dos próximos vinte anos, a conservação permanece como o parente pobre da indústria da construção, (Costa, 2007).

Costa, ex-Director Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, afirma que mesmo os estudos mais recentes, e os números são impressionantes, não têm sido bastantes para a necessária sensibilização dos decisores quanto à indispensabilidade de alteração da estratégia de desenvolvimento.

A Delegação Regional da Cultura do Alentejo não prevê nenhuma alteração que possa ter um impacto sobre a autenticidade ou integridade do sítio, pelo contrário, tudo é feito no sentido de o preservar.

2.4 Património: Reconhecimento em Portugal

Património arquitectónico é constituído por construções representativas, que pelos seus estilos, época de construção, técnicas construtivas utilizadas, entre outros, são reconhecidos como tal.

Em Portugal, o reconhecimento formal ocorre em dois níveis: Municipal (classificação camarária) e Nacional. Segundo as convenções internacionais, a lei procedeu ainda a uma outra diferenciação, definindo as categorias de Monumentos, Conjuntos e Sítios.

O reconhecimento nacional ocorre através do Instituto Português de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico - IGESPAR. Existe também o reconhecimento internacional que ocorre através da escolha dos indicados pelo World Heritage Centre, vinculado à UNESCO.

Acredita-se que as relações entre Turismo e Património da Humanidade não devem ser entendidas como vias de mão única, mas sim como um conjunto de relações bilaterais, pois que não só o turismo interfere nestes sítios, como também, estes sítios, com base na qualidade das suas características naturais e culturais, nas suas necessidades de protecção, bem como pelo título que ostentam, são influenciadores da actividade turística realizada nos seus territórios específicos.

Frente às observações preliminares apresentadas, optamos aqui por apresentar uma primeira questão, que é saber se o título de Património da Humanidade interfere na actividade turística realizada no Centro Histórico de Évora, partindo do seguinte problema de pesquisa:

Que efeitos o título de Património da Humanidade gera sobre o Turismo de determinada localidade componente da Lista do Património Mundial?

Para responder a esta questão levantaram-se as seguintes hipóteses para o desenvolvimento da pesquisa:

- a. O título de Património da Humanidade, através dos seus severos regulamentos proteccionistas, limita a actividade turística na localidade classificada, minimizando as oportunidades de contacto da humanidade com o seu próprio património.
- b. O título de Património da Humanidade é um mecanismo que sobrevaloriza a atractividade turística de uma localidade e todos os aspectos inerentes.
- c. O título de Património da Humanidade, dada a sua importância, torna-se rapidamente o principal motivo de visitação turística de uma localidade.

2.5 Gestão do Património Eborense

O Departamento do Centro Histórico, Património e Cultura da Câmara Municipal de Évora e a Divisão de Obras em Zonas Classificadas do Departamento de Projectos de Obras Particulares, zelam pelo cumprimento das normas da UNESCO e da Lei n.º 107/01 (Lei do Património), coordenando todas as acções relacionadas com a conservação do Centro Histórico.

Essa legislação de protecção alberga capítulos do Regulamento do Plano de Urbanização da Cidade especificamente destinados ao centro urbano classificado, à protecção do património (alterações dos edifícios e dos materiais, etc) e da sua utilização (controlo da mudança de uso) assim como a Lei de Base do Património Cultural que controla nomeadamente as alterações introduzidas nos edifícios classificados, e ainda o Regulamento da Ocupação dos Espaços Públicos, nomeadamente das esplanadas, os quais constituem disposições de protecção eficazes. As intervenções integradas já efectuadas melhoraram as condições de habitação, nomeadamente no que respeita à higiene e salubridade, ligadas a programas de melhoria das infra-estruturas, de estacionamento e de equipamentos sociais, sempre tendo em conta a salvaguarda dos valores em presença. Contudo essas melhorias ainda não satisfazem no seu todo. E isso é a principal causa da redução da população que residia no centro histórico.

Essa redução da população que residia no centro histórico, se bem que parcialmente compensada pela entrada de estudantes, pode mesmo assim provocar:

- ✓ O acréscimo de edifícios devolutos, mais vulneráveis à degradação, o acréscimo da insegurança;
- ✓ A redução dos sentimentos de pertença ao centro e logo os riscos de diminuição da identidade;
- ✓ A redução do esforço dos privados para a reabilitação;
- ✓ A perda da multiplicidade de funções do centro histórico;
- ✓ A redução dos usos locais.

Com vista à salvaguarda e gestão do Centro Histórico, à valorização do património cultural do Concelho, o apoio e o desenvolvimento nas diferentes áreas e actividades culturais, o Plano de Actividades da Câmara Municipal para o ano de 2010 entre outras medidas, prevê a elaboração do Plano de Gestão do Centro Histórico de Évora, uma importante ferramenta que permitirá ao município encarar alguns projectos e iniciativas na perspectiva de uma abordagem integrada do Centro Histórico, de acordo com os objectivos e programas, e acções elencadas.

É neste contexto e em colaboração com a Sociedade de Reabilitação Urbana Évora Viva, que procedeu ao lançamento do projecto Acrópole, assente numa parceria com 10 entidades para a valorização do conjunto monumental de Évora, participado pelo QREN – Parcerias para a regeneração urbana.

O projecto Acrópole XXI, define-se como uma intervenção integrada no núcleo urbano da cerca velha do Centro Histórico de Évora e pretende revitalizar esta zona da cidade através da promoção de acções de regeneração urbana, acompanhadas da dinamização da actividade económica tradicional, do turismo, do património e da cultura (GOP, Évora 2010).

Para alcançar esses objectivos, este projecto vai intervir no ordenamento do espaço urbano, atendendo às necessidades de acessibilidade, permanência, encontro e relação, lazer, e de

uma maior aproximação ao património cultural. O projecto, pretende também melhorar a promoção e divulgação dos valores patrimoniais em presença, desenvolvendo a inovação e a qualificação dos serviços com eles relacionados, e reenquadrar a zona intervencionada na Cidade, enquanto território de excelência, com respeito pela história e pelo património arquitectónico existente (CME).

Este projecto, prevê a requalificação e uniformização dos pavimentos e ruas, largos e espaços abrangidos no mesmo, intervenção paisagística na reformulação do desenho do Jardim Diana e do espaço fronteiro à Sé Catedral, bem como a requalificação da Rampa de São Miguel e dos Largos D. Manuel de Portugal, Dr. Mário Chicó e Alexandre Herculano (Lopes, 2010).

O projecto consiste ainda na reformulação do mobiliário e equipamento urbano existente nesta zona da cidade, com a intenção de reforçar a identidade e o carácter de cada uma dos espaços a intervir.

Mas pode-se perceber que temas como a mobilidade, as acessibilidades e a interpretação do património, apesar de serem muitas vezes objecto de reflexão nos sucessivos documentos de desenvolvimento camarários, continuam ainda por aplicar, medidas concretas que facilitem a circulação dos visitantes pelo Centro Histórico de Évora, e a fruição do seu património.

2.6 Património e Turismo em Évora

“A Cidade Histórica pode ser definida como aquela portadora de um núcleo central ou centro histórico, compreendido como um espaço vivo, em constante transformação, no qual as marcas da passagem do tempo se fazem presentes em construções que expressam valores históricos e estéticos” (Jokilehto, citado por Zanirato, 2008). Sendo assim, a Cidade Histórica faz parte do ambiente quotidiano dos seres humanos, que expressa a presença viva do passado que lhes deu forma.

A Cidade Histórica torna-se singular pela singularidade das suas edificações, tradições e formas de vida nela presentes. E é exactamente a sua singularidade que se converte na base do atractivo para a visitação turística.

Contudo, este encontro do visitante com o património tem merecido a atenção de estudiosos e autoridades a nível do património e das cidades históricas, principalmente no sentido da preservação da genuinidade dos espaços e das obras de arte e, a sua disponibilização e fruição para os visitantes, que por seu lado, podem tornar-se na principal fonte de rendimento para a sua manutenção. Isto implicaria obviamente conhecer o perfil do seu visitante e adequar as acessibilidades para uma boa convivência entre o turista e o património.

Tanto quanto sabemos, no caso específico de Évora, poucos estudos foram elaborados neste contexto. Se, por um lado, não há como negar a existência de uma vasta bibliografia direccionada para o estudo do património eborense, por outro lado, o mesmo não se pode dizer quanto à abundância de fontes que procuram associar o património ao turismo. Mais raras ainda são as referências que oferecem um estudo pormenorizado do perfil do turista que visita Évora, e outras que apontem debilidades a serem ultrapassadas com vista à melhoria das acessibilidades e da fruição do património.

Em 1996 foi publicado um estudo com o título *“O Turismo em Évora – Contribuição para a definição de uma estratégia municipal”* pela Oficina de Arquitectura (OA, 1996), que faz a caracterização e síntese de diagnóstico do turismo em Évora, inquéritos e entrevistas aos hoteleiros e outras entidades ligadas ao turismo na cidade e, uma proposta de estratégia para intervenção municipal no domínio do turismo.

É também de realçar o trabalho desenvolvido por Carlos Fortuna na sua obra *“Les Centres Historiques et Monumentaux dès Villes: Tourism Urbain et Patrimoine à Évora et Coimbra.”* (1997).

Mais remotos são os estudos apresentados por Túlio Espanca que procurou preencher a falta de informação especializada para turistas, produzindo um conjunto de obras com a mesma finalidade. Temos nesta linha a obra póstuma *“Évora”* publicada em 1996 pela Editorial Presença, *“Évora: Arte e História”* (1987) e *“Évora: Guia Histórico-Artístico”* (1949).

Algumas obras ainda fazem alguma menção a alguns aspectos deste objecto de estudo, como por exemplo *“Riscos de um Século: Memórias da Evolução Urbana de Évora”* (2001) publicada pela Câmara Municipal de Évora e coordenada por Carmen Almeida, os sucessivos Planos Director Municipal e o Plano Geral de Urbanização de 1985.

Entretanto, é de realçar as sinergias com outras cidades de igual estatuto tanto no território português como europeu e o que se pode retirar dessa envolvência. Nesta linha, surge por exemplo, a Rede Atlantes que engloba as Cidades Património Mundial de Angra do Heroísmo, Évora, Guimarães, Lugo, Porto e Santiago de Compostela e cujo lema é a busca conjunta de soluções para problemas comuns nos Centros Históricos.

Tomamos ainda como exemplo as cidades de Ávila e Segóvia, também consideradas Património Mundial, cujas características são semelhantes às de Évora, inclusive no número de habitantes.

O compromisso comum baseia-se essencialmente na conservação e protecção dos bens, o aprofundamento dos estudos para que os seus tesouros possam ajudar a educar e formar as gerações futuras, actuando de forma conjunta na defesa do património histórico e cultural, na realização de projectos comuns e solucionando os problemas que afectam a cada um em particular, assim como, o estabelecimento de políticas que visem a troca de experiências e o planeamento de uma política de turismo e imagem, que corresponda aos interesses de todos os integrantes do grupo.

Para Gomes, “o valor de um legado cultural, tal como um objecto de arte, quando não é dotado ao desleixo e à destruição, ultrapassa o seu significado histórico, já que o património só é apreciado se estiver bem preservado”. Adianta ainda que de nada importa que se salvasse o espólio, reconstitua cientificamente o local, invista no arranjo paisagístico das estruturas visitáveis, que se construam observatórios ou centros de acolhimento, se a injeção de capital para a construção destas infra-estruturas não trouxer benefícios para as populações locais nem vier dinamizar o turismo e vida cultural da região.

Defende ainda que, mesmo sendo do interesse geral que sejam bem geridos e promovidos, a importância económica e social não deve, em caso algum, ser secundarizada em relação às suas componentes (in)formativa, cultural e científica. Estas devem acontecer em simultâneo

e em concordância, uma vez que sem conhecimento não é possível que o património nos fale, mas sem divulgação é impossível que alguém o escute, e sem as populações locais é difícil que impulse o desenvolvimento local.

Porém, para que o património possa cumprir com a sua utilidade mais evidente, a de proporcionar conhecimento, importa que haja necessariamente um tratamento interpretativo.

São muitas as definições e/ou autores a descreverem os objectivos e estratégias da interpretação. Martín (2004) citado por Gomes, refere que a origem do termo se situa no Séc. XIX nos Estados Unidos, com a criação dos Parques Nacionais, passando pelo primeiro Congresso Mundial de Interpretação de Banff (1985), onde se afirma que “a interpretação é o processo de desenvolvimento do interesse, o desfrute e a compreensão do visitante por uma área, mediante a explicação das suas características e as suas inter-relações”.

Estando intrinsecamente associada à difusão e explicação do património, a interpretação é descrita inicialmente por Freeman Tilden (1957, citado por Martín, 2004), como sendo “uma actividade educativa que pretende revelar significados e inter-relações através do uso de objectos originais por contacto directo com o recurso ou por meios ilustrados, não se limitando a dar uma mera informação dos factos”.

Para Gomes, estes trabalhos de interpretação em torno do património exigem uma sucessão de actividades que passam pela identificação, investigação e recuperação/valorização do registo, prosseguem com a sua dinamização e divulgação, por intermédio de uma comunicação atractiva, com informação breve reveladora de significados de modo a estimular o apreço nos visitantes pelo seu património natural e histórico.

Já para Perez (2002), a interpretação é entendida como a arte de dar a conhecer e fazer acessível o sentido e o significado dos bens culturais e dos modos de vida. A interpretação é fundamental porque há problemas, dificuldades e conflitos de compreensão. A interpretação é pois um sistema de descodificação de mensagens que têm níveis de complexidade diversos e uma forte carga de ambiguidade. A interpretação é sempre um acto de comunicação que faz inteligível o património, mas que ao mesmo tempo converte o

património cultural (e também o natural) em activo da procura, uma procura que quer e tem o direito de saber e conhecer mais sobre o “outro” visitado (Perez, 2002).

Mas Gomes vai alertando para o facto de um dos erros mais comuns nos projectos turísticos patrimoniais ser a sobrevalorização do património em si mesmo, como se ele preenchesse todas as necessidades dos visitantes por si só, ou assegurasse o desenvolvimento local apenas pela sua existência. Se não se desenvolverem estratégias para a criação de um produto turístico integrado, com actividades complementares e serviços de apoio acompanhados de uma boa investigação dos legados patrimoniais, dificilmente irão reproduzir um aumento da procura turística.

3 O Património Mundial

3.1 A UNESCO e a Protecção do Património Mundial

A UNESCO, fundada em 1946, é um órgão especializado das Nações Unidas para a educação, ciência e cultura, e tem como objectivo, contribuir para a paz e a segurança no mundo através da educação, ciência, cultura e comunicações.

Em 1972, preocupada em proteger os bens patrimoniais dotados de valor universal excepcional, adoptou a Convenção do Património Mundial, Cultural e Natural, visando estimular a cooperação internacional para proteger as “maravilhosas áreas naturais e paisagísticas do mundo e os sítios históricos para o presente e para o futuro de toda a humanidade” (UNESCO). E como património cultural, considerou:

- ✓ Os monumentos: obras arquitectónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;
- ✓ Os conjuntos: Grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitectura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;
- ✓ Os locais de interesse: Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.

Ao assinar a Convenção, cada país se compromete a conservar não somente os bens do Património Mundial localizados no seu território como também a proteger o próprio património nacional.

Quatro anos mais tarde, em 1976 a UNESCO criou o Comité do Património Mundial e o Fundo do Património Mundial, ficando sobre a responsabilidade desse Comité, a implementação do preceituado na Convenção do Património Mundial e a definição do uso

do Fundo do Património Mundial, prestando assistência financeira mediante solicitação dos Estados membros.

A comissão pode ainda, adiar as suas decisões e solicitar informações adicionais sobre as propriedades dos Estados membros. Examina os relatórios sobre o estado de conservação dos bens inscritos e aconselha os Estados membros a tomar medidas quando as propriedades não estão sendo geridas adequadamente. Também decide sobre a inscrição ou exclusão de bens na Lista do Património Mundial em Perigo.

Em 1979 foram feitas as primeiras inscrições de bens na Lista do Património Mundial, lista essa ratificada por Portugal no ano seguinte.

Em 1992 foi criado o Centro do Património Mundial, um organismo autónomo do Secretariado da UNESCO encarregado de gerir administrativamente todas as questões relacionadas com a Convenção do Património Mundial, e que edita desde 1996 a Revista Património Mundial, disponível por assinatura nas línguas inglesa, francesa e espanhola.

As cidades inscritas na Lista do Património Mundial formaram a Organização das Cidades Património Mundial, sediada em Montreal, organismo que promove a reflexão e o intercâmbio de experiências relacionadas com a gestão dos sítios classificados. Em Portugal são 5 as cidades inscritas na Lista do Património Mundial e filiadas na Organização: Angra do Heroísmo, Évora, Porto, Sintra e Guimarães.

3.2 Os Casos de Ávila e Segóvia

A UNESCO trabalha com países de todo o mundo para identificar e proteger sítios culturais e naturais que constituem o património da humanidade, e desde 1972, ano em que adoptou a Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural, 186 países já ratificaram o tratado. Actualmente, estão inscritos na Lista do Património Mundial 890 bens, dos quais 689 são culturais, 176 são naturais e 25 são bens mistos, simultaneamente culturais e naturais (UNESCO, 2010).

Os bens do Património Mundial são inscritos na lista com base no mérito intrínseco e contribuição para o património cultural e natural do mundo. Considera-se que o seu valor universal excepcional ultrapassa as fronteiras nacionais e é importante para as gerações futuras.

Na Península Ibérica há 53 sítios declarados Património Mundial da Humanidade, sendo 40 em Espanha e 13 em Portugal. São na sua maioria bens culturais, existindo porém alguns naturais – em Portugal, apenas um, que é a Floresta Laurissilva na Madeira, e apenas um misto – Ibiza, pela sua biodiversidade e cultura, em Espanha, (UNESCO, 2010).

Optamos por comparar Évora com as cidades espanholas de Ávila e Segóvia dadas as suas semelhanças físicas, climáticas, culturais e populacionais. Os dados aferidos destas duas cidades podem ser comparados com a realidade eborense, procurando a simplificação dos procedimentos e técnicas que influenciam directa ou indirectamente, as acessibilidades e a fruição do património cultural.

3.2.1 Ávila

Ávila é uma cidade do interior espanhol com aproximadamente 55.000 habitantes. Situada a uma hora de Madrid, o seu Centro Histórico e as suas igrejas extra-muros foram declarados Património da Humanidade em 1985, e recebe cerca de 650.000 visitantes por ano (Junta de Castela e Leão, 2010).

A prevalência intacta de todo o perímetro da muralha determinou, ao longo dos séculos, a morfologia e a vida da cidade. O muro abriga, num centro antigo e pedregoso, uma esplendorosa Ávila palaciana, enquanto por fora, se podem encontrar igrejas e conventos, que marcam esta outra cidade pela mística e pelo religioso.

Tal como Évora, é o recinto intra-muros que congrega a maior afluência turística, apesar de existirem marcos patrimoniais extra-muros como San Vicente, Santo Tomás ou a Encarnación que por diferentes razões, suscitam o interesse dos visitantes.

A cidade conta com três centros de atendimento aos visitantes: o Centro de Recepção de Visitantes da Câmara Municipal de Ávila, a Oficina de Informação Turística da Junta de Castela e Leão e o Posto de Informação Turística da RENFE¹.

Os dois primeiros estão localizados no Centro Histórico da cidade enquanto o da RENFE fica nos arredores do mesmo, mais concretamente, na estação ferroviária.

O Centro de Recepção de Visitantes da Câmara Municipal de Ávila dispõe de um parque para autocarros, sanitários públicos, computadores através dos quais se pode passar a conhecer programas que a cidade oferece, e de um espaço onde o turista poderá ver vídeos sobre Ávila.

A Oficina de Informação Turística da Junta de Castela e Leão, situada numa zona menos turística do Centro Histórico, tem à disposição dos visitantes, informação sobre Castela e Leão e sobre a Província de Ávila em panfletos e CDs gratuitos. Dispõe ainda de computadores através dos quais, o turista poderá aceder à Internet.

As progressivas acções de pedestralização e estacionamento têm melhorado a mobilidade pelo recinto histórico, que por seu lado incrementou as suas possibilidades como cidade turística.

A valorização de monumentos como a muralha, tem proporcionado uma oferta que ultrapassa a simples abertura de um monumento a visitar. A oferta adicional turístico-cultural enfatiza essa ideia, enfocando questões como o carácter medieval da cidade, que se reflecte em muitos dos eventos que ocorrem principalmente no verão.

Quanto ao perfil do visitante, a existência do Observatório do Turismo da cidade, permite um acompanhamento e conhecimento do mesmo.

Em 10 anos multiplicou por dois o número de hotéis e de camas. Entre as actividades turísticas mais destacadas está um roteiro de lendas pela cidade. Desde 1999 desenvolve um “Plano de Excelência Turística” (Subsidiado pela “Secretaría General de Turismo”, a administração regional e local) com uma abordagem científica. A aposta do plano é o turismo cultural e o turismo de interior. O primeiro a ser feito foi um “plano estratégico”

¹ RENFE, *Red Nacional de Ferrocarriles Españoles*

para diagnosticar a situação e estabelecer as linhas de actuação. Seguidamente, criou-se um “gabinete de gestão” do plano, no qual se definiu o perfil e as actividades dos visitantes. Os objectivos deste plano foram: melhorar a recepção do visitante, integrar nele o tecido empresarial e implicar a população nesse processo.

Uma das primeiras actividades do plano foi realizar uma campanha intitulada “O primeiro guia da cidade és tu”, orientada para taxistas, comerciantes e população em geral.

3.2.2 Segóvia

Sobre um arriscado penhasco calcário a mais de 1.000 metros de altitude foi erigida a magnífica Cidade de Segóvia, cuja silhueta projectada no azul do céu e na confluência dos rios Eresma e Clamores, fez com que o seu primeiro historiador, Garci Ruiz De Castro, a comparasse a um navio de pedra (Turismo de Segóvia, 2010). Cidade para ser calmamente visitada e regressar, já foi galardoada com todos os reconhecimentos oficiais pela sua riqueza artística e monumental, pela nitidez da sua luz, pela transparência da atmosfera que a envolve e pela exuberância da vegetação que a rodeia que, ao contrastar com o pardo das lajes secas, a faz realçar como um oásis de verdura.

O Centro Histórico de Segóvia, tem uma estrutura medieval perceptível na rede de ruas estreitas e a sua urbanização e arquitectura reflectem também o legado cristão, judaico e muçulmano. Ali se concentram os três ícones principais de atracção de visitantes: o Aqueduto, a Catedral e o Alcázar (Castelo de Segóvia).

O Centro Histórico de Segóvia sofreu durante anos, problemas de mobilidade decorrentes da sua estrutura urbana e da escassez de parques de estacionamento, mas corrigidos com a construção de parques e passeios junto ao aqueduto, que vieram permitir aos turistas estacionar, e iniciar o passeio a pé pela cidade. Por outro lado, existe uma política progressiva de pedestralização do Centro Histórico que vem favorecendo uma mobilidade mais fluida e agradável.

Na Praça do Azoguejo, próxima ao Aqueduto fica o Centro de Recepção aos Visitantes, um dos mais belos e bem equipados de Espanha, com amplos espaços, moderno, funcional e

prático, que incorpora as últimas inovações em serviços ao turista e ocupando uma localização privilegiada. Dispõe de informação interactiva através de telas de toque, área de estar, sanitários públicos adaptados para deficientes e uma sala de projecções.

Dispõe ainda de computadores para consulta com informações sobre Segóvia, Castela e Leon, o grupo das Cidades Património Mundial, a Rede de Judiarias de Espanha, “Os Caminhos de Sefarad” e toda a informação turística de Espanha, graças à sua ligação com a página Web da Turespaña.

Mesmo no centro das suas instalações está localizada uma maqueta da cidade de grandes dimensões realizada em madeira por Roberto Guldins (Turismo de Segóvia).

É neste Centro que são vendidos os bilhetes que permitem aos turistas desfrutar da visita panorâmica pela cidade no autocarro turístico.

Por fim, o Centro dispõe de um espaço que põe à disposição do visitante todo o tipo de artigos de recordação com motivos tipicamente segovianos, assim como uma extensa bibliografia relacionada com a arte e cultura de Segóvia.

É um dos cinco centros de informação ao turista da Empresa Municipal de Turismo, constituída em 2004, como entidade pública, sob a forma de Sociedade Anónima, com um objecto social amplo, dirigido ao fomento e desenvolvimento da actividade turística em Segóvia ao mais alto nível.

Uma das funções dessa empresa municipal é a gestão, exploração e sinalização urbana no plano informativo turístico e comercial da cidade de Segóvia, assim como outro tipo de mobiliário urbano que a Câmara Municipal achar oportuno.

A cidade ainda dispõe de informação turística na Estação Ferroviária, na entrada da auto-estrada de Madrid e na Central Rodoviária, que garantem uma atenção de primeiro nível ao visitante.

4 Problemática

Segundo um inquérito elaborado pelo Posto de Turismo de Évora entre Março de 2007 e Março de 2008, a média de permanência do turista em Évora era de duas noites. Consta ainda que Évora é muitas vezes invadida por autocarros de visitantes em trânsito que vindos de Lisboa, Algarve ou da vizinha Espanha, mais concretamente de Sevilha e Badajoz, não chegam a passar uma noite na cidade, não frequentando os restaurantes nem os hotéis eborenses.

Pelo pouco tempo que passam na cidade, e pela principal motivação que os atrai, a visita aos monumentos, coloca-se ainda a questão das acessibilidades ao Centro Histórico e da sinalização urbana e voltada para o turismo, onde naturalmente se deva incluir informações precisas e sucintas sobre os diversos monumentos e sítios susceptíveis de criar interesses a este tipo de visitantes.

A essas insuficiências se junta um inadequado conhecimento do perfil do visitante de Évora, as suas motivações, o seu grau de satisfação e, sobretudo, o que se podia fazer para melhorar a fruição do património cultural e aumentar a sua satisfação, levando em consideração que toda a acção beneficiadora sê-lo-ia também para garantia das condições que estiveram na base da classificação da cidade pela UNESCO como Património Mundial da Humanidade em 1986.

4.1 O Planeamento em Évora

Numa primeira análise, faremos um diagnóstico completo sobre a cidade, fazendo um levantamento sobre a situação das acessibilidades e da fruição à cidade e ao seu património.

O Concelho de Évora em geral, e o Centro Histórico em particular, carecem de um planeamento estratégico a nível do turismo. O turismo no Concelho surgiu e desenvolveu-se de forma natural muito graças aos enormes recursos patrimoniais, naturais e gastronómicos

da região. Pontualmente foram tomadas medidas correctivas que melhoraram o estado de conservação do seu património histórico e natural, a qualidade dos serviços prestados ao turista e, de algum modo, a fruição dos seus pontos de interesse. Neste contexto, a autarquia, tem desempenhado um papel fulcral tanto na recuperação do património cultural, como na melhoria das condições de habitabilidade dos edifícios do Centro Histórico, na preservação da sua autenticidade e continuidade, bem como, através do seu Posto de Turismo, na recolha e disponibilização de informação dirigida ao turista, desde a sua implementação em 1968.

Após a sua classificação como Património da Humanidade pela Unesco em 1986, os motivos da visita à cidade conheceram maior incremento, repercutindo-se directamente no aumento do número de visitantes. Esse aumento das visitas porém, não foi acompanhado de um investimento público adequado no sector, a nível de planeamento e de criação de instrumentos de análises e de sondagem do perfil do turista que visita a cidade e da sua opinião sobre os mais diversos elementos que compõem o quadro turístico eborense. Nem mesmo os sucessivos Planos Directores Municipais e os Planos de Desenvolvimento Estratégico deram a devida atenção ao fenómeno do turismo e às necessidades visíveis da adequação da sinalética na cidade, das acessibilidades e da fruição por exemplo, do património.

Sendo a “História, Cultura e Tradição” um dos 3 pilares sobre o qual assenta a visão estratégica traçada no PENT, seria de esperar uma atitude mais agressiva por parte das autoridades do turismo no sentido de planear e executar acções que promovam a excelência na fruição turística numa cidade património da humanidade.

Após o inquérito realizado, apuramos que muitas dessas acções de melhoramento das acessibilidades e da fruição do património, podiam ser realizadas mesmo na ausência de um plano estratégico, mediante a coordenação de sectores públicos e privados num interesse comum.

4.2 As Acessibilidades e a Sinalética

Qualquer um que se aproxima da Cidade de Évora começa desde cedo a sentir as dificuldades relacionadas com a orientação para o Centro Histórico. De salientar que esse trajecto é, na maioria das vezes feito em duas fases, mais complicada ainda é a orientação do recém-chegado aos parques de estacionamento periféricos e, a partir dali, ao centro histórico, por via pedestre ou em transportes públicos.

Para quem chega pela estrada de Lisboa, encontra à entrada da Cidade, um Posto de Informação do Gabinete de Apoio Rodoviário de Évora, GARE, criado em 2005 pela Associação para a Promoção de uma Cultura de Segurança Rodoviária, sediada nesta Cidade e com apoios da Câmara Municipal de Évora. Apesar dos seus estatutos estarem mais voltados para a promoção de uma cultura de segurança rodoviária, esse Posto de Informação, ou Gabinete de Apoio Rodoviário, é um espaço dirigido a públicos específicos como as crianças, os jovens, os idosos, os visitantes, entre outros (GARE). Para o visitante que chega a Évora em veículo próprio, pela estrada de Lisboa, funciona como um posto avançado de informação. Isso se conseguir aperceber-se da sua presença, uma vez que a sua localização do lado oposto da via só será notada através de uma sinalização vertical que sugere o contorno da rotunda alguns metros à frente. Neste Posto o visitante terá todas as informações sobre alojamento, restauração e sítios de interesse a visitar, e terá ainda acesso a um mapa da cidade.

Já pelos acessos de Beja ou de Estremoz, o turista não tem outra hipótese a não ser tentar perceber a sinalética existente. E todos, mesmo os que entram pela estrada de Lisboa e que tenham passado pelo GARE, hão-de passar pelas dificuldades inerentes à sinalização confusa, ineficaz, insuficiente e, em outros casos, inexistente. As dificuldades vão desde sinais colocados para estradas que se bifurcam, que só podem ser vistos com algum esforço e imaginação, até à confusão de nomes que são apresentados nos painéis às entradas do Centro Histórico. Um visitante que chega a Évora pela primeira vez, e encontra nomes como Porta Nova, Portas de Moura, Praça do Giraldo, etc., certamente que se porá a questionar sobre o significado desses nomes. E, em alguns casos, mais constrangedores, como por exemplo, querendo descobrir as Portas de Moura, não encontra no local, a dita sinalização

com visibilidade adequada. Uma outra situação muito comum na sinalização rodoviária nas proximidades do Centro Histórico de Évora, é a descontinuidade de indicações. Circulando pelos arredores à procura das entradas pelo Centro Histórico, encontra-se muitas vezes a sua indicação, que desaparece mais à frente, substituída, por exemplo, por referências à Praça do Giraldo, Portas de Moura, Templo de Diana ou Sé Catedral que, por sua vez, desaparecerão parcial ou totalmente na proximidade desses monumentos.

Contando que o recém-chegado nada conhece da Cidade e pouca ou nenhuma informação tem dos seus monumentos e sítios a visitar que, na ausência de sinalização, nada mais o fará chegar com precisão aos monumentos, será obrigado a andar às voltas pela cidade, entrando e saindo do Centro Histórico, perguntando a locais, até se aperceber da vantagem em estacionar e procurar pelos monumentos a pé.

Em nenhuma via de acesso, nem mesmo dentro do Centro Histórico, existe alguma **sinalização direccionada para o Posto de Turismo**, importante ponto de referência para a informação do visitante.

Em contraste, é abundante a informação sobre as unidades de alojamento e restauração, implementadas pela Região de Turismo de Évora, em 2005.

No Centro Histórico, o visitante conhece logo um novo problema: a sinalética dos pontos de interesse e a informação dos monumentos. Essa situação é minimizada quando em grupos organizados, são precedidos por um guia que além da indicação das rotas a seguir, vai ainda fornecendo informações e histórias curiosas e/ou engraçadas sobre os monumentos, os sítios, as casas, as ruas, as gentes, as tradições, etc. Mas para o visitante que viaja sozinho ou num pequeno grupo e que prefere descobrir por si próprio as direcções e os sítios a visitar, a dificuldade é tal que, até descobrir o Posto de Turismo da Câmara Municipal, não tem outra alternativa a não ser, ter que perguntar a locais o caminho a seguir. Se por um lado é recomendável a interacção do visitante com os residentes por outro lado coloca-se a barreira da língua, visto boa parte dos visitantes não falar português e boa parte dos residentes não perceber outra língua que não seja o português.

A partir do Posto de Turismo, a visita à cidade torna-se mais facilitada, muito graças às informações ali prestadas em várias línguas e níveis, aos mapas turísticos facultados e, a

quem o solicitar, aos áudio-guias. Esses mapas simplificados da cidade mostram os acessos aos principais pontos de interesse e resumem a informação relativa aos mesmos. Contudo, perdem alguma eficácia pela falta de sinalização adequada nas ruas e nos monumentos que ajudem na sua interpretação e utilização. O nome das ruas, colocados no início e fim das mesmas, aliados à morfologia muito irregular da urbanização do centro histórico fazem com que muitas vezes o visitante portador de um mapa recorra à interpelação de um local, para se localizar ou traçar uma nova rota a seguir. Para alguns pode até ser divertido circular neste labirinto, cujo prémio seria sempre a descoberta de um imponente monumento e ali desfrutar da sua majestade e beleza arquitectónica. Mas muitos são os visitantes que reclamam dessa inconveniência e do tempo que perdem na orientação e circulação. Sem contar que, após toda esta maratona, correm ainda o risco de encontrar o monumento fechado para efeitos de visita.

4.2.1 Acessibilidades a Pessoas com Mobilidade Reduzida

É muito preocupante a realidade das acessibilidades a pessoas com mobilidade reduzida no Centro Histórico de Évora. Desde o acesso aos monumentos, até ao próprio estado das calçadas das ruas, tudo leva a crer que a importante questão das acessibilidades não vem merecendo a devida atenção de quem de direito.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, estabelece no seu Art. 27º que “todos têm direito a tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, a gozar das artes e a participar do progresso científico e dos bens que dele resultem”. Assim como todo e qualquer ser humano, o portador de deficiência e os idosos também têm direito à Cultura e à fruição do Património Cultural.

Mas, na prática, não é isso que ocorre. Rodrigues defende que “dentro da regra da verdadeira igualdade que consiste em tratar desigualmente os desiguais na razão das suas desigualdades, o portador de deficiência precisa de assistência especial do Estado para poder participar efectivamente da sociedade em que vive, o que nem sempre ocorre na prática”. Este advogado e professor universitário brasileiro aponta ainda diversos documentos internacionais que ressaltam a importância da participação popular na

preservação do Património, recomendando aos Estados que desenvolvam entre os seus cidadãos o interesse e o respeito pelo património cultural de todas as nações, salientando que o património arquitectónico não sobreviverá a não ser que seja apreciado pelo público e especialmente pelas novas gerações, devendo os programas de educação preocupar-se mais intensamente com esta matéria.

Sendo de suma importância essas iniciativas falta-lhes, muitas vezes, um maior espírito prático, na implementação dessa participação popular na preservação dos bens culturais, especialmente quando se tratam de minorias, como as pessoas com mobilidade reduzida, cuja situação específica não tem sido contemplada pelos seus textos.

Rodrigues cita um dos casos excepcionais, a Declaração do México, elaborada na Conferência Mundial sobre Políticas Culturais em 1982, patrocinada pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), que enfatiza “a necessidade de democratização da cultura através da mais ampla participação do indivíduo e da sociedade no processo de criação de bens culturais, na tomada de decisões que concernem à vida cultural e na sua difusão e fruição” (item 18). O mesmo documento, no seu item 22 propõe que, “(...)a fim de garantir a participação de todos os indivíduos na vida cultural, é preciso eliminar as desigualdades provenientes, entre outras, da origem e da posição social, da educação, da nacionalidade, da idade, da língua, do sexo, das convicções religiosas, da saúde ou da pertinência a grupos étnicos minoritários ou marginais”.

Isso, seguindo o preceituado na Declaração de Genebra, em que as Nações Unidas exortam todas as Nações a garantirem “o direito dos incapacitados à dignidade, a uma vida decente e tão normal quanto possível e todos os direitos que os seus concidadãos da mesma idade”. Este documento salienta ainda no seu Art.º 8º, que os incapacitados “têm o direito de ter as suas necessidades especiais levadas em consideração, em todos os estágios de planeamento económico e social” (Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes, 1975).

E é dentro deste espírito de “eliminar desigualdades”, que o portador de deficiência e os idosos devem ter o seu acesso facilitado a museus, monumentos históricos e arquitectónicos, templos, jardins e outros bens de valor cultural. E para Rodrigues, surge então pelo menos um importante factor a ser superado: as escadas.

Porém, os edifícios que compõem o património histórico e cultural foram concebidos numa época em que a acessibilidade e a inclusão não eram valores reconhecidos pela sociedade.

As dificuldades para implantação de equipamentos facilitadores de acesso às pessoas com mobilidade reduzida continuam as mesmas, porém com a agravante de a grande maioria dos edifícios patrimoniais terem sido construídos com técnicas primitivas, o que inviabiliza a instalação de rampas e elevadores, que danificariam irremediavelmente tais edificações. Levanta-se então a questão de como conciliar a preservação desses monumentos com a implementação de elementos auxiliares da mobilidade para as pessoas portadores de limitações físicas.

Como recomendação, sugeríamos a implantação de rampas e/ou elevadores nos monumentos de maior dimensão, desde que a sua instalação não comprometa os elementos que justificam a sua preservação, e que sejam devidamente aprovadas pelas entidades competentes.

Nos monumentos de pequena dimensão, cuja instalação de equipamentos de acessibilidade possam comprometer os elementos que justificam a sua preservação, deve-se manter pessoas especialmente treinadas para assistir às pessoas com mobilidade reduzida. Pode-se ainda garantir o acesso por meio de informação visual, auditiva ou táctil das áreas ou dos elementos cuja adaptação seja impraticável. No caso de sítios considerados inacessíveis para os deficientes e idosos, ou com visita restrita, devem ser oferecidos mapas, maquetas, peças de acervo originais ou cópias, sempre proporcionando a possibilidade de serem tocados para compreensão táctil.

Acreditamos que com essas sugestões, serão dados importantes passos no sentido de assegurar o acesso das pessoas com mobilidade reduzida ao património cultural, garantindo-lhe assim o exercício de um dos seus direitos de cidadão.

5 Metodologia

O modelo de pesquisa adoptado baseou-se predominantemente numa abordagem de avaliação qualitativa e quantitativa, cujo foco principal foi a observação e a compreensão dos aspectos da percepção dos visitantes perante o estado de apresentação do Centro Histórico de Évora no concernente às questões das acessibilidades e da sua fruição, procurando explicar os seus significados.

Para Hill e Hill, (2009), “uma investigação empírica é uma investigação em que se fazem observações para compreender melhor o fenómeno a estudar”. Assim começamos por uma cuidadosa pesquisa bibliográfica, seleccionando não só teorias globais sobre a fruição do património e acessibilidades urbanas, como também obras que retratassem a relação turista e património cultural, e outras ainda que o fizessem tendo como pano de fundo o Centro Histórico de Évora.

Ao percebermos a limitação que este tipo de pesquisa acarretava, avançamos para pesquisas na Web onde foi possível encontrar muitas obras digitalizadas, em várias línguas, e mais ainda, uma série de artigos, de autores das mais diversas áreas académicas, mas que de uma forma ou de outra, identificaram e analisaram questões referentes às acessibilidades e fruição do património cultural.

Aproveitamos ainda as entrevistas realizadas a vários sujeitos com responsabilidades na gestão e nas actividades turísticas no Concelho, como o Presidente da Região Turística do Alentejo, Dr. Ceia da Silva, o Responsável do Posto de Turismo, Dr. Francisco Bilu, e outros funcionários deste Posto, e o Dr. Augusto da Silva, eminente figura da cultura eborense.

Posteriormente, o interesse da pesquisa foi investigar a interpretação que os próprios sujeitos participantes da orientação – os visitantes, têm da situação sob estudo, descrevendo as características dos elementos de análise, tentando compreender o significado da relação Turista-Cidade-Património.

Na recolha de dados foram realizados inquéritos aos visitantes nos principais recintos de visita no Centro Histórico². Foi escolhido este tipo de instrumento de investigação empírica em função das questões a serem pesquisadas, pelo facto de estarem directamente relacionadas à percepção, experiência e opinião dos inquiridos sobre as acessibilidades e fruição no Centro Histórico em geral e, ao Património Cultural em particular. As opiniões dos inquiridos foram posteriormente verificadas no terreno.

Este inquérito foi implementado através do seguinte plano de acção:

- ✓ Elaboração da estrutura do questionário;
- ✓ Tradução para inglês;
- ✓ Impressão;
- ✓ Abordagem aos visitantes;
- ✓ Processamento e tratamento dos dados obtidos em SPSS (Programa de tratamento e análise de dados aplicado às Ciências Sociais) e transportados para o Excel para daí se extraírem os gráficos.

A técnica utilizada para a aplicação dos questionários foi a abordagem pessoal e directa em cada espaço físico anteriormente referido, dando sempre a perceber aos visitantes a importância da sua colaboração.

Os questionários foram auto-preenchidos pelos inquiridos, com o apoio de dois outros inquiridores na realização desta tarefa.

Para a elaboração do questionário definiram-se os seguintes eixos de orientação:

1. Meio de transporte utilizado na deslocação a Évora, tipo de alojamento, duração da estada, frequência de visita e obtenção de informação sobre Évora;
2. Grau de satisfação dos inquiridos relativamente ao património na sua generalidade (arquitectónico classificado, arqueológico e natural), alojamento, gastronomia

² Ver modelo de inquérito em Anexo I.

tradicional, informação no Posto de Turismo de Évora, sinalização turística, acessibilidades e estacionamento;

3. Avaliação da estada e expectativas, classificação de Évora enquanto destino recomendável;

4. Caracterização sócio-demográfica dos inquiridos (sexo, idade, grau académico, situação profissional, nacionalidade, opções enquanto destino turístico e motivos de visita).

Os resultados são a seguir apresentados sob a forma de gráficos e quadros com a respectiva análise e interpretação. Todas as tabelas elaboradas e utilizadas para o efeito deste estudo estão disponíveis para consulta no Anexo II.

5.1 População, Amostra e Recolha de Dados

A população definida para este estudo é constituída por todos os visitantes de Évora, sejam eles turistas ou excursionistas. Assim constituímos uma amostra adequada seleccionada aleatoriamente nas unidades hoteleiras, Posto de Turismo e entre os visitantes que não chegam a pernoitar na cidade. O critério foi abordar a todos, ao mesmo tempo, por um período de três meses.

Para tal, foi criado um modelo de questionário em duas línguas, Português e Inglês, o qual foi aplicado entre Julho e Setembro de 2010, num universo de 521 inquiridos. Deste valor, 187 questionários foram preenchidos nos principais monumentos do Centro Histórico, 89 entre o Parque de Campismo e nas unidades de alojamento do Centro Histórico, 213 nas zonas de repouso do Jardim Público, Jardim do Templo de Diana e Praça do Giraldo e 32 no Posto de Turismo.

5.2 Instrumentos de Recolha de Dados

Os dados foram recolhidos privilegiadamente através de questionários com perguntas directas de forma a facilitar a resposta dos inquiridos e a respectiva análise e conclusão. Entretanto foram colocadas duas questões abertas que permitissem ao visitante expressar a sua opinião de forma mais pessoal.

Porém a sua aplicação foi antecedida da realização de algumas entrevistas exploratórias, junto de individualidades com profundo conhecimento sobre a temática em análise, e que foram de fulcral importância para sistematizar o desenvolvimento da tese que se apresenta.

De igual modo, a observação directa assim como a pesquisa bibliográfica foram duas técnicas de recolha de dados que contribuíram manifestamente para aprofundar os dados.

5.3 Análise de Dados

O Turismo em Évora tem assumido uma posição cada vez mais influente na estratégia de desenvolvimento económico, cultural e social da cidade e da sua região envolvente. Se o património monumental é a primeira motivação da escolha de Évora como destino turístico, o certo é que esta actividade também impulsiona a conservação e vivência deste vasto património, orgulho dos locais e fonte de rendimentos de muitos.

Porém, a visita ao património acarreta dificuldades, que não sendo eficazmente ultrapassadas, reflectem-se directamente no panorama urbano-patrimonial, de forma negativa. O foco principal vai para as acessibilidades e a fruição do património.

Neste sentido, abordamos todos os tipos de visitantes, turistas e excursionistas, procurando conhecer o seu perfil e as dificuldades que sentem no que respeita às acessibilidades e à fruição do património cultural no Centro Histórico de Évora.

Na análise dos dados foram utilizados métodos qualitativos e quantitativos. Nessa tarefa utilizou-se o programa SPSS para a análise e caracterização da amostra. Os resultados desta

análise foram organizados em tabelas e gráficos para que fosse possível a sua interpretação e posterior discussão.

Os resultados a seguir apresentados são de aspecto gráfico e estatístico, com a respectiva análise e interpretação. Todas as tabelas elaboradas e utilizadas para o efeito deste estudo estão disponíveis para consulta no Anexo II.

5.4 Resultados Esperados

De acordo com a bibliografia consultada, os estudos realizados, as entrevistas a entidades com autoridade tanto no património como no urbanismo e no turismo local, e a observação pessoal, esperamos, com este estudo, contribuir para um melhor conhecimento da relação entre turismo e património no Centro Histórico de Évora. Esperamos ainda conhecer de forma abrangente, o perfil do visitante de Évora e os modos de fruição turística em Évora. Pretendemos ainda ter uma ideia genérica das acessibilidades e da sinalização turística da cidade, e levantar novas questões para posteriores estudos nesta área.

6 Apresentação dos Resultados

6.1 População de visitantes

É muito difícil calcular o número de chegadas de visitantes a Évora. Essa dificuldade deriva não só dos meios de transportes utilizados para deslocação à cidade, como também da presença de um número incalculável de visitantes de menos de um dia, que utilizam muitas vezes, veículos próprios, escapando assim às hipóteses estatísticas aplicadas actualmente, com margem de erro aceitável.

Mas acreditamos que essa dificuldade poderá vir a ser ultrapassada com a entrada em funcionamento do Observatório de Turismo do Alentejo, (Margem Sul).

Para já, os visitantes em Évora, são quantificados através de:

- ✓ INE³, que contabiliza o número de dormidas em unidades hoteleiras, os hóspedes nos estabelecimentos hoteleiros e a estada média nos estabelecimentos hoteleiros;
- ✓ Posto de Turismo da CME, que contabiliza a afluência turística no próprio posto, comparando os dados com os fornecidos por responsáveis de monumentos como o Museu de Évora, as igrejas e conventos, os operadores turísticos e as unidades hoteleiras;

Podemos ainda frisar a contabilidade feita no posto da GARE, à entrada da estrada de Lisboa, que contabiliza rigorosamente os visitantes a quem prestam informações, desde a sua criação.

³ INE, *Instituto Nacional de Estatística*.

Tabela 1 – Afluência Turística em Évora

Afluência Turística em Évora			
	Anos		
	2007	2008	2009
INE	183.552	179.460	185.797
Posto de Turismo	172.929	180.500	148.362
Posto da GARE	1.175	3.541	2.826

Fonte: INE, Posto de Turismo, GARE

Da Tabela n.º 1 pode-se perceber a importância do posto da GARE, no fornecimento de orientações e informações aos visitantes que entram por essa estrada, apesar de os seus números ficarem muito distantes dos contabilizados pelo INE e pelo Posto de Turismo.

Quanto aos dados do INE, são referentes aos hóspedes nos estabelecimentos hoteleiros em Évora e não às dormidas nesses estabelecimentos.

O INE, que dá um tratamento mais discriminado aos dados turísticos, apresenta para os três últimos anos a informação constante:

Tabela 2 – Afluência Turística em Évora, em 2007-2009 segundo o INE

Localização geográfica (NUTS - 2002)	Período de referência dos dados	Tipo (estabelecimento hoteleiro)	Estada média (N.º) nos estabelecimentos hoteleiros por Localização geográfica e Tipo (estabelecimento hoteleiro); Anual	Taxa líquida de ocupação cama (%) nos estabelecimentos hoteleiros por Localização geográfica e Tipo (estabelecimento hoteleiro); Anual	Dormidas (N.º) nos estabelecimentos hoteleiros por Localização geográfica e Tipo (estabelecimento hoteleiro); Anual	Hóspedes (N.º) nos estabelecimentos hoteleiros por Localização geográfica e Tipo (estabelecimento hoteleiro); Anual
			N.º	%	N.º	N.º
Évora	2009	Estabelecimentos hoteleiros	1,6	43,9	291 207	185 797
	2008	Estabelecimentos hoteleiros	1,5	46,4	269 064	179 460
	2007	Estabelecimentos hoteleiros	1,5	43,0	273 857	183 552

Estada média (N.º) nos estabelecimentos hoteleiros por Localização geográfica e Tipo (estabelecimento hoteleiro); Anual - INE, Inquérito à Permanência de Hóspedes e Outros Dados na Hotelaria

Taxa líquida de ocupação cama (%) nos estabelecimentos hoteleiros por Localização geográfica e Tipo (estabelecimento hoteleiro); Anual - INE, Inquérito à Permanência de Hóspedes e Outros Dados na Hotelaria

Dormidas (N.º) nos estabelecimentos hoteleiros por Localização geográfica e Tipo (estabelecimento hoteleiro); Anual - INE, Inquérito à Permanência de Hóspedes e Outros Dados na Hotelaria

Hóspedes (N.º) nos estabelecimentos hoteleiros por Localização geográfica e Tipo (estabelecimento hoteleiro); Anual - INE, Inquérito à Permanência de Hóspedes e Outros Dados na Hotelaria

Fonte: INE, 2010

Sem conhecermos o número exacto dos visitantes de Évora torna-se-nos impossível calcular o número de visitantes por habitantes que a cidade recebe.

6.2 Caracterização Sócio-Demográfica dos Inquiridos

A caracterização da procura turística aqui apresentada, aponta para o desenvolvimento de produtos turísticos baseados num contexto de férias e lazer, património cultural monumental, assim como património gastronómico, como os principais agentes diferenciadores da região de Évora, complementados com a dinamização das tradições e cultura locais.

Para compreender, explicar e definir estratégias atempadas de reforço da sua competitividade, torna-se decisivo um quadro de diagnóstico da actividade turística, identificando os principais problemas, constrangimentos e potencialidades do turismo no Concelho de Évora, traçar as prioridades para intervenções, e o papel a desempenhar pelas instituições responsáveis pelas políticas do sector, e pelos operadores turísticos.

Perez cita Bodo, 1995 e Prentice, 1993, que caracterizam social e economicamente o “turista cultural”, da seguinte forma:

- ✓ Visitantes estrangeiros de idiomas e bagagens culturais diferentes;
- ✓ Cidadãos de um país, que procuram uma relação mais aprofundada com o seu património cultural;
- ✓ Residentes locais que procuram um conhecimento mais aprofundado do território que habitam;
- ✓ Pessoa com rendimentos acima da média;
- ✓ Pessoas que despendem mais;
- ✓ Passam mais tempo num mesmo sítio;

- ✓ É mais provável que se alojem em hotéis;
- ✓ É mais provável que sejam gente culta e que sejam mulheres;
- ✓ Jovens que procuram experiências culturais intensas e pouco estereotipadas;
- ✓ “Whoppies” (Whealthy Healthy Older People), pessoas de idade mais avançada, com meios económicos e saúde;
- ✓ Turismo de “alta qualidade” (“Santo Graal” do turismo);
- ✓ Turistas desejáveis, pois são cultos poderosos e distintos.

Analisando os gráficos a seguir, pode-se verificar que este perfil sócio-económico pode servir de orientação sociológica para entender, em linhas gerais, o papel social do turista que visita Évora.

6.3 Perfil dos Inquiridos

Sexo

Pode-se afirmar, de modo geral, que entre os visitantes inquiridos, Évora é visitada maioritariamente por pessoas do sexo feminino. Essa tendência vem-se mantendo desde 2008, altura da realização do primeiro inquérito elaborado pelo Posto de Turismo de Évora, sobre a actividade do turismo no concelho.

Gráfico 1



Idade

A faixa etária de maior predominância é entre os 30 e os 39 anos de idade, ou seja, 29% dos visitantes de Évora têm idade compreendida entre os 30 e os 39 anos, segundo os dados apurados. É também muito importante a faixa etária dos 20 aos 29 anos, cerca de 25%, o que mostra o interesse dos jovens pelas questões do património, escolhendo Évora como destino de turismo cultural. É ainda de salientar os visitantes mais de 50 anos, para quem há que ter um cuidado especial nas acessibilidades aos monumentos.

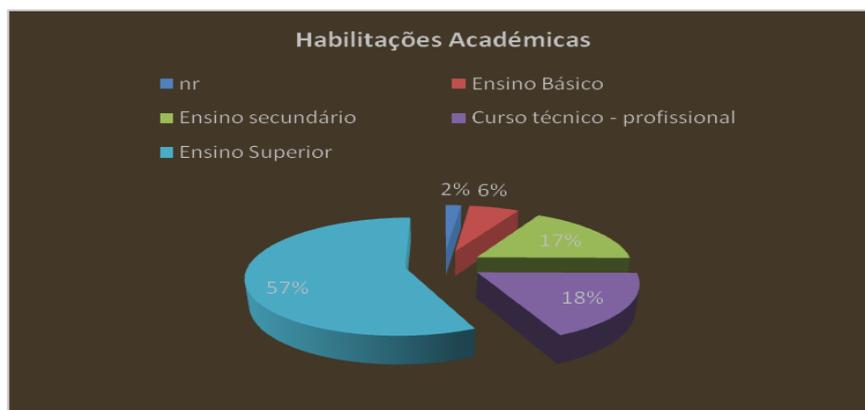
Gráfico 2



Habilitações Académicas

Apuramos que 57% dos turistas que visitam Évora, possuem o ensino superior, e apenas 6%, possui o Ensino Básico (Habilitação Mínima). Isto confirma o elevado grau académico do tipo de visitantes que tem preferência para as questões culturais.

Gráfico 3



Situação Profissional

Neste ponto, observamos que 69% do total de inquiridos se encontra no activo. Também se destaca, a representação dos estudantes, ou seja 16%. Para além da maior parte dos inquiridos estar no activo, percebe-se que são indivíduos bem remunerados e com poder de compra elevado.

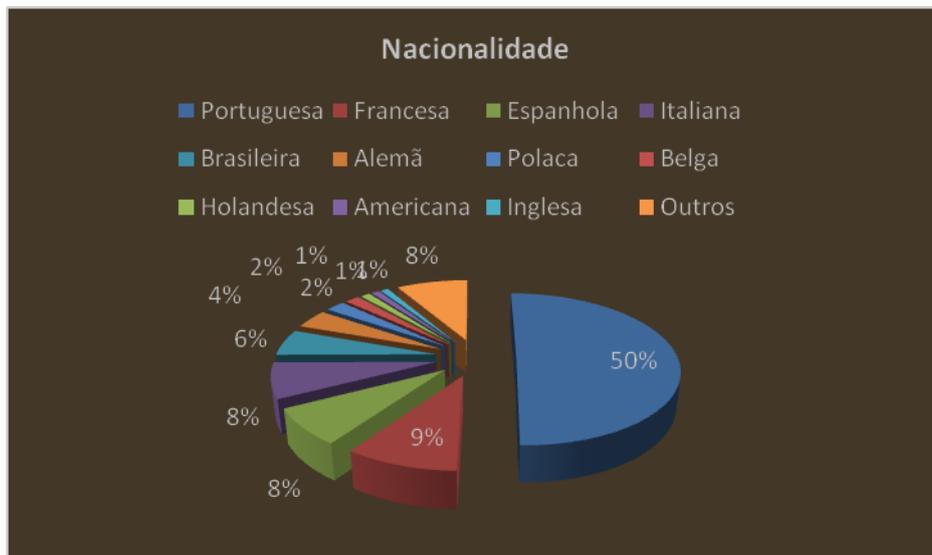
Gráfico 4



Nacionalidade

A maioria dos visitantes que visitou Évora no Verão de 2010 é portuguesa, representando, 50% dos inquiridos. Seguem-se os franceses 9%, os espanhóis e italianos com 8% de representação cada. A diferença de percentagem entre os segundos é tão insignificante que faz com que a sua ordem varie constantemente.

Gráfico 5



6.4 Motivos de Visita

São vários os motivos que trazem os visitantes a Évora, enquanto destino turístico. Mas a maioria identifica o Património Cultural como principal escolha, correspondendo a 41% das respostas. De salientar que nesta questão, foi proporcionada aos inquiridos a hipótese de escolher mais do que uma opção, o que fez aumentar o número de respostas para 863.

Apesar de ser de resposta múltipla, esta questão demonstrou o papel do património monumental e do arqueológico nas visitas turísticas. Isto define o visitante desta zona como cultural ou patrimonial, de acordo com as suas práticas. Menor importância têm os eventos culturais, o turismo de negócio, e congressos e colóquios, que nesta zona têm pouca expressão.

Gráfico 6



Estamos, pois, perante um novo conceito de férias, mais curtas e com maior mobilidade geográfica no território de destino.

Embora o património monumental tenha um peso fundamental nas respostas, é também de considerar as respostas ligadas ao património arqueológico, ao turismo de natureza e à gastronomia e vinhos, muito valorizados em Évora.

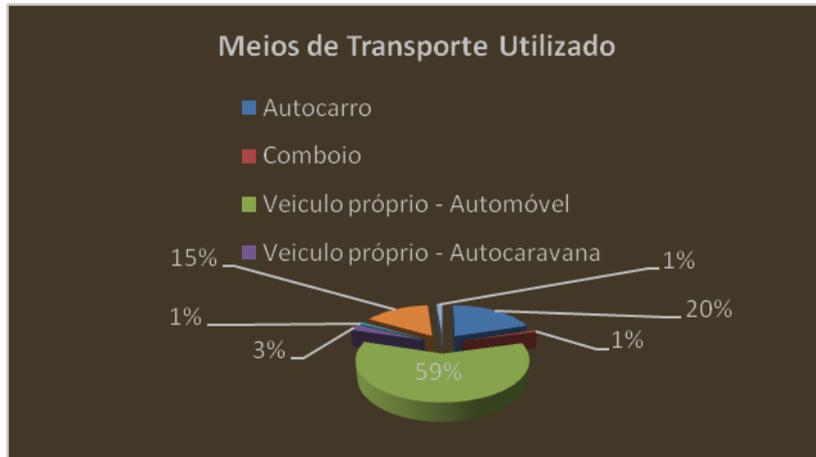
6.5 Meio de Transporte, Tipo de Alojamento, Duração da Estada, Frequência de Visita e Obtenção de Informação sobre Évora

6.5.1 Meio de Transporte Utilizado

Dos dados apurados, pode-se concluir que a maioria dos visitantes utilizou veículo próprio na sua deslocação a Évora, representando 59%. Houve também um registo bastante considerável de pessoas que chegaram em autocarros e automóveis de aluguer, sendo 20% e 15% respectivamente. De salientar que durante a realização deste inquérito, a linha férrea desta região esteve em obras de remodelação, impossibilitando as viagens de comboio para Évora. Portanto os inquiridos que responderam “Comboio”, poderão estar-se a referir à chegada ao país por esse meio de transporte.

Os valores apresentados, revelam a tendência de visita por iniciativa própria.

Gráfico 7



6.5.2 Tipo de Alojamento

A categoria de Hotel foi a mais escolhidas pelos inquiridos, registando cerca de 28% do total. De destacar também 22% que não optaram por nenhum outro meio comercial de alojamento, hospedando-se com amigos ou noutras localidades próximas. Para muitos, Évora é um lugar de passagem e não apenas um destino turístico.

Gráfico 8



6.5.3 Duração da Estada

Outro aspecto importante do perfil do visitante é a duração da sua estada, e pode-se verificar através do gráfico n.º 9, que 42% dos inquiridos permaneceu menos do que um dia em Évora. Aqui, fica claro o problema do “visitismo” e “excursionismo” desta zona, cuja fraca oferta de animação turística, não chega a satisfazer o visitante, de forma a transformar os muitos recursos culturais, naturais e patrimoniais em produtos turísticos de média ou longa estadia. Entretanto, a estada média é de 2,45 dias.

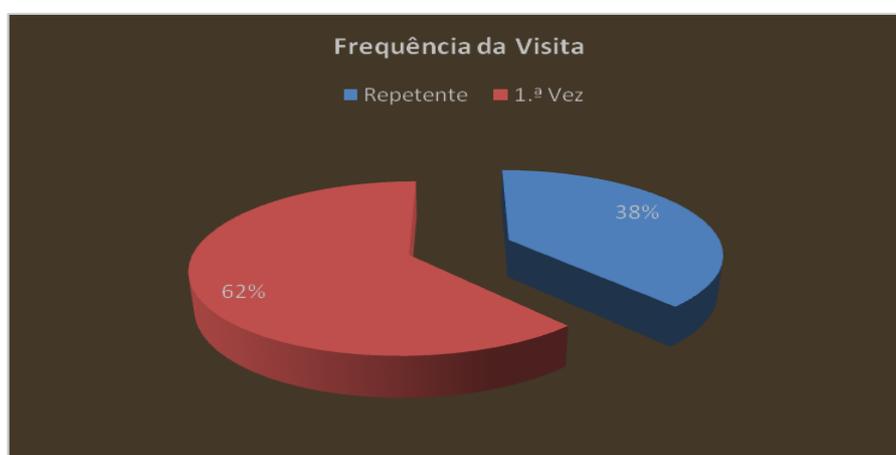
Gráfico 9



6.5.4 Frequência de Visita a Évora

No que diz respeito à frequência de visita, 62% dos inquiridos referiu que visita Évora pela primeira vez. Porém, uma boa percentagem, os restantes 38% afirmaram não ser esta a primeira vez que visitam a cidade, o que por si demonstra, o fascínio que a mesma atrai sobre eles, a ponto de quererem regressar.

Gráfico 10

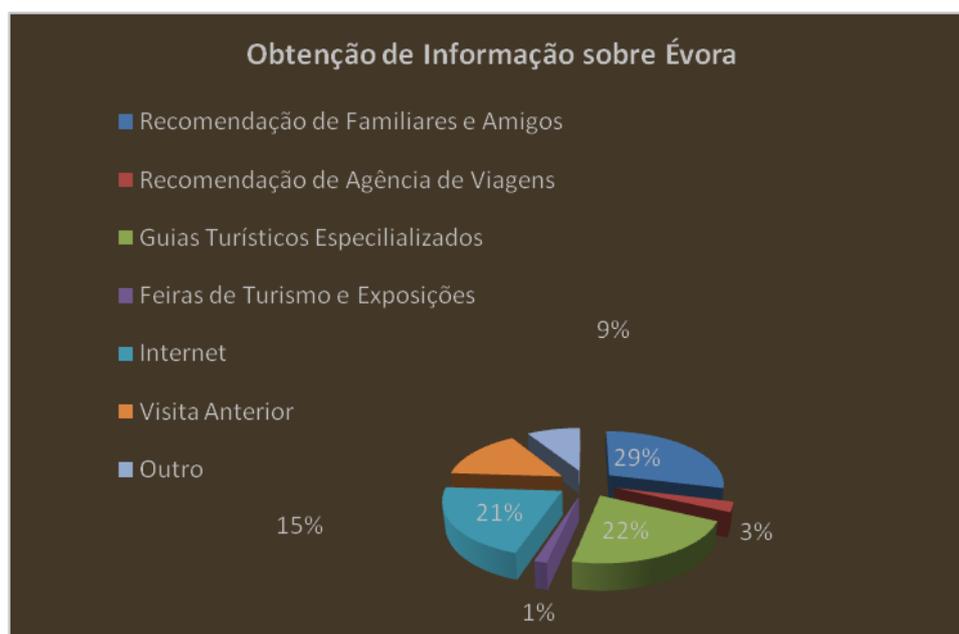


6.5.5 Obtenção de Informação sobre Évora

Para este tópico, 29% dos inquiridos responderam que obtiveram informação sobre Évora através de “Recomendação de familiares e Amigos”. Nestas respostas, pode-se realçar o papel da confiança em conhecidos, da oralidade, da divulgação oral dos destinos turísticos, do “boca a boca”. Este valor da confiança em pessoas próximas serve como elemento fundamental nos processos de decisão e escolha do destino turístico.

Contudo, é importante realçar a obtenção de informação através de “Guias Turísticos Especializados” que satisfaz 22% das respostas, e da “Internet”, com 21% do total.

Gráfico 11



6.6 Análise em Relação ao Grau de Satisfação dos Inquiridos

6.6.1 Avaliação do Património Monumental

A avaliação do Património Monumental do Centro Histórico de Évora feita pela maioria dos visitantes revelou-se bastante positiva, com 42% dos inquiridos que o classificaram de

“Muito Bom”. Teve ainda muita representação as opções “Excelente”, com 25% e “Bom” com 24% do total.

Gráfico 12



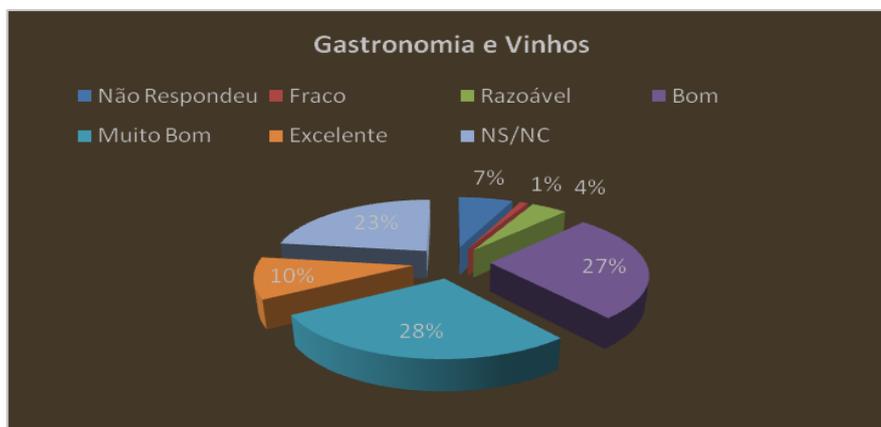
A capacidade de avaliar as qualidades dos centros históricos como locais de fruição cultural foi confirmada por uma das duas perguntas abertas colocadas com a intenção de aferir a faculdade destes visitantes em emitirem juízos sobre valores estéticos, sociais e históricos. Esta «função de administração de prova» dava credibilidade aos resultados obtidos nas questões fechadas sobre o ambiente construído e o espaço público, a apresentação e as qualidades de um centro histórico apelativo. A questão sobre o que poderia ser feito para melhorar as acessibilidades aos monumentos, permitia aos inquiridos que visitaram o centro histórico de Évora o fornecimento de respostas credíveis às perguntas fechadas mais difíceis do questionário, relacionadas com a avaliação das acessibilidades e fruição do património monumental. Os visitantes que responderam a esta questão, revelaram insatisfação com o horário de visita dos monumentos, com as informações no local sobre cada monumento, e houve alguns que reclamaram dos preços praticados.

6.6.2 Avaliação da Gastronomia e Vinhos

Em relação à Gastronomia e Vinhos, a avaliação qualitativa revelou-se bastante positiva, uma vez que 27% dos inquiridos escolheu a opção de “Bom”, e outros 28% a classificaram

de “Muito Bom”. De referir que a gastronomia alentejana é muito apreciada principalmente pelos nacionais, que fazem a viagem com esse propósito.

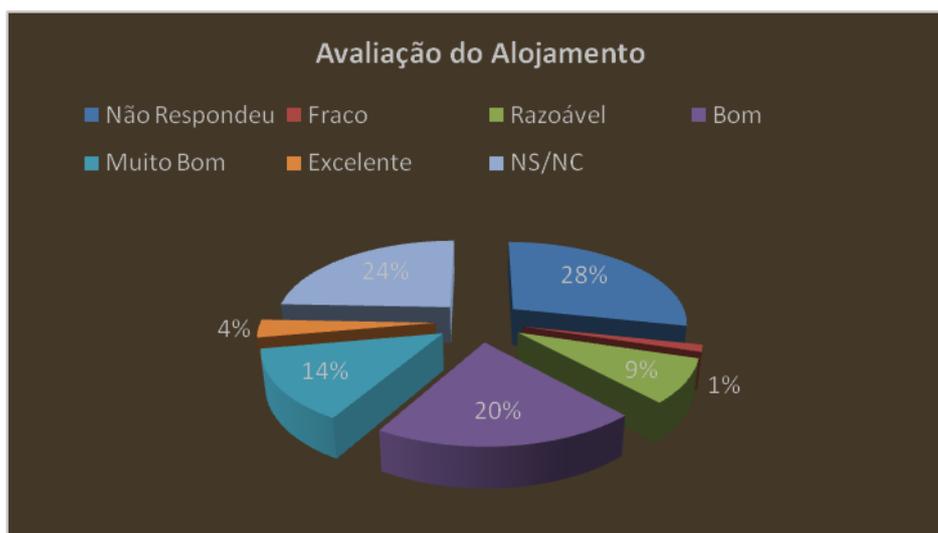
Gráfico 13



6.6.3 Avaliação Do Alojamento

A opinião dos visitantes quanto à experiência no que toca às infra-estruturas de alojamento foi boa, tendo 20% dos inquiridos classificando-a de “Bom”, 14% de “Muito Bom” e 4% de “Excelente”.

Gráfico 14

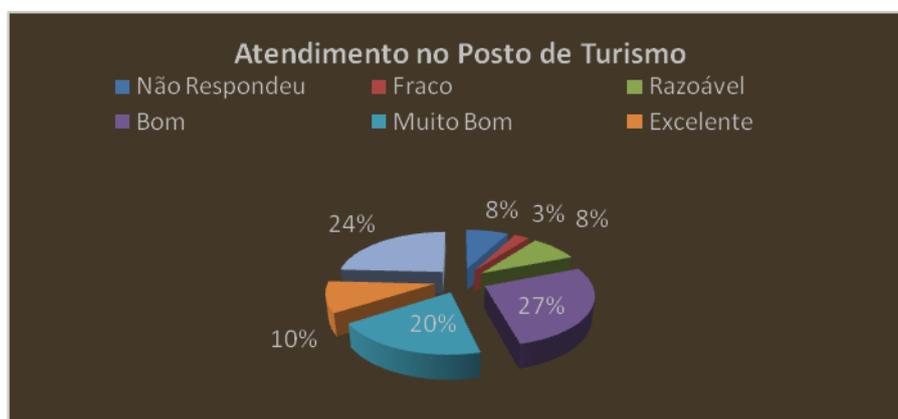


6.7 Acessibilidades e Informações

6.7.1 Acolhimento no Posto de Turismo

Na opinião de 27% dos inquiridos, a informação prestada ao balcão do Posto de Turismo teve a classificação de “Bom”, sendo ainda assinalado como “Muito Bom” por parte de 20% dos mesmos. Entretanto, 8% considera esse serviço como razoável e 3% chega mesmo a considerá-lo de fraco.

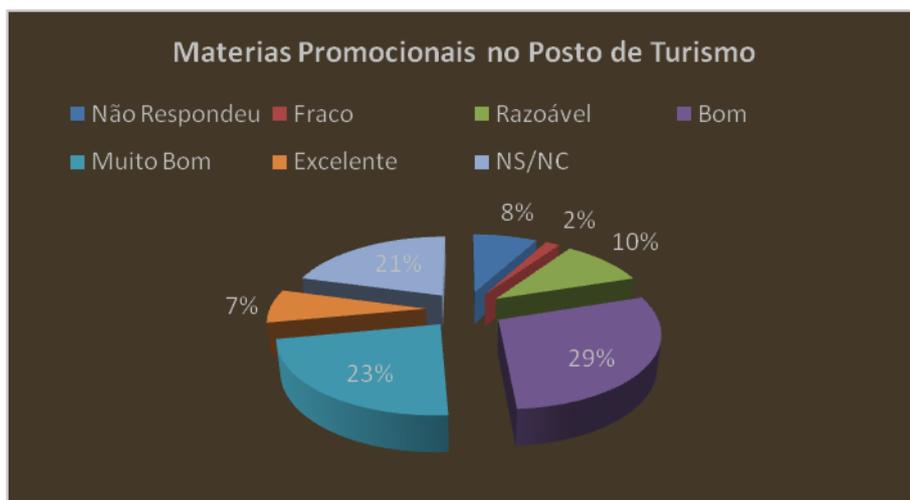
Gráfico 15



6.7.2 Posto de Turismo: Materiais de Informação Turística

No que respeita aos materiais de informação turística, 29% dos inquiridos classifica de “Bom” o material informativo facultado, 23% de muito bom e 7% de excelente. Juntos, aproximam-se dos 60%, o que deixa claro a importância do material disponibilizado no Posto de Turismo para a orientação e informação dos visitantes.

Gráfico 16

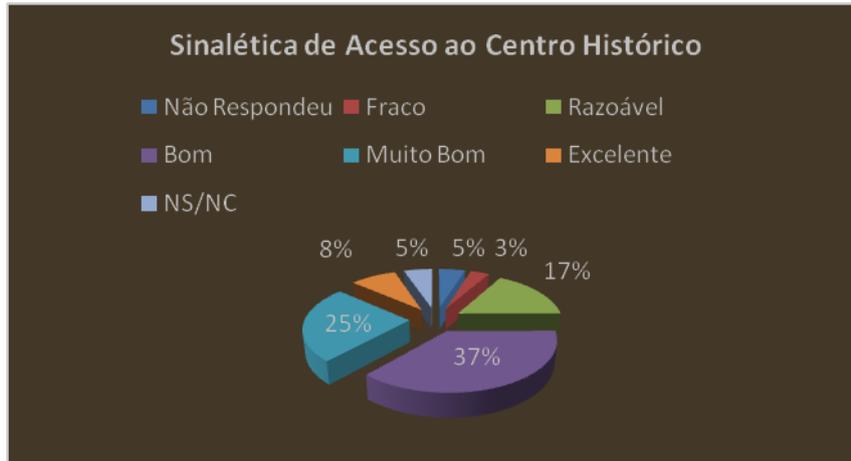


No destino Évora, as fontes de informação são preferencialmente o Posto de Turismo e as brochuras locais, contudo, é de salientar a importância atribuída à informação facilitada pelos amigos, pela internet e pelos guias de viagem que muitos fazem questão de trazer consigo.

6.7.3 Sinalética de Acesso ao Centro Histórico

Em relação à sinalética de acesso ao Centro Histórico, 37% dos inquiridos consideram-na boa e 25%, muito boa. No que toca a este item, como assinalamos no capítulo da Problemática, a opinião do visitante pode ter sido influenciada, em alguns casos pela orientação de um guia, e em outros, pela morfologia da cidade, que faz com que o trânsito e os peões confluam de forma natural para o Centro Histórico, que é também o centro da cidade. Para confirmar esta teoria, demos várias voltas pela cidade, chegando à conclusão que sinalética existe, só que é confusa, inadequada e insuficiente, para não falar em situações onde devia existir e não existe. Na realidade o recém-chegado é orientado até aos arredores dos monumentos, sem contudo, os poder visualizar pela inexistência de uma última indicação, adequada, que o faça chegar aos mesmos. Mesmo assim, ainda é considerável a percentagem dos inquiridos que a considera de razoável, 17% e de fraco, 5%.

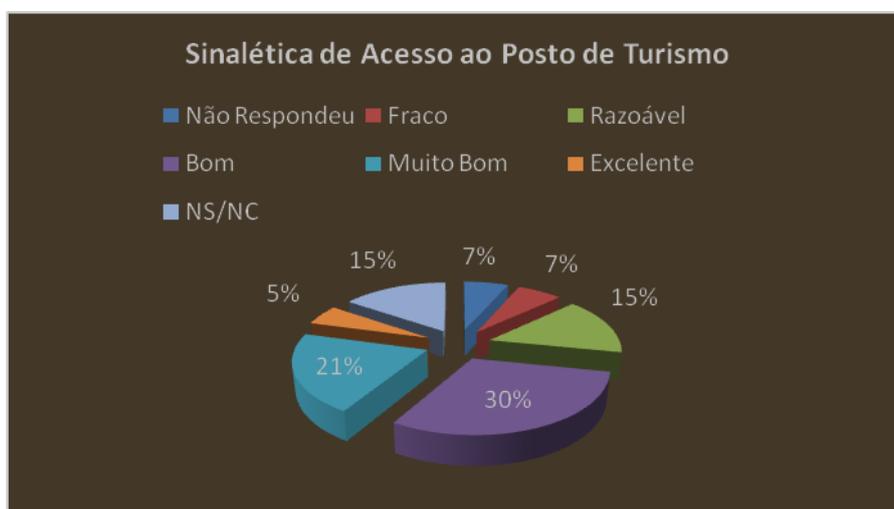
Gráfico 17



6.7.4 Sinalética de Acesso ao Posto de Turismo

Quanto à sinalética que dá acesso ao Posto de Turismo, 30% dos visitantes inquiridos qualificam-na de “Bom”, e 21% acham-na “Muito Bom”. Neste ponto, voltamos a salientar a influência de guias, ou de alguma confusão que os inquiridos possam ter feito, imaginando-se já na Praça do Giraldo, pois que na realidade, após atenciosa circulação pela cidade, anotamos que **não existe nenhuma sinalética para esse Posto**, a não ser, a sua sinalização no próprio edifício onde funciona. Entretanto, 7% dos inquiridos consideram-na fraca e 15% de razoável.

Gráfico 18



6.7.5 Sinalética dos Monumentos do Centro Histórico

Em relação à sinalética para os monumentos, verificamos que 34% dos inquiridos a classifica de “Bom” e 24% de “Muito Bom”, e seguindo a linha dos outros pontos referentes às sinaléticas, a percepção é a mesma, ou seja, a influência dos guias, a utilização de mapas ou áudio-guias, ou a informação por locais.

Gráfico 19



6.7.6 Sinalética dos Parques de Estacionamento

Nesta matéria, 35% dos inquiridos responderam que o nível de satisfação é “Bom” e 20%, “Muito Bom”. Estão realmente bem assinalados e são a melhor opção para quem quiser visitar o Centro Histórico de Évora, prosseguindo a visita a pé.

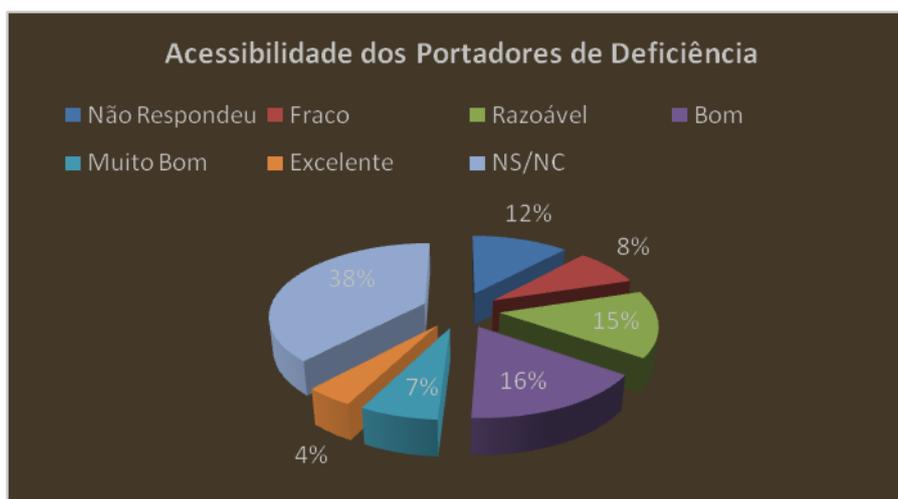
Gráfico 20



6.7.7 Sinalética dos Portadores de Deficiência

38% dos inquiridos escolheu a opção “Não Sabe/Não Comenta” para classificar as acessibilidades dos portadores de deficiência, e 16% escolheram “Bom”. Contudo, 15% optaram por razoável e 8% assinalaram-nas como “Fraco”. Após observação do espaço chegamos à conclusão de que para além de alguns estacionamento reservados para os deficientes não existe nenhum outro tipo de sinalização para os mesmos. De salientar que durante o período dos inquéritos foram poucas as pessoas com mobilidade reduzidas abordadas, o que coloca uma questão de avaliação por parte das demais.

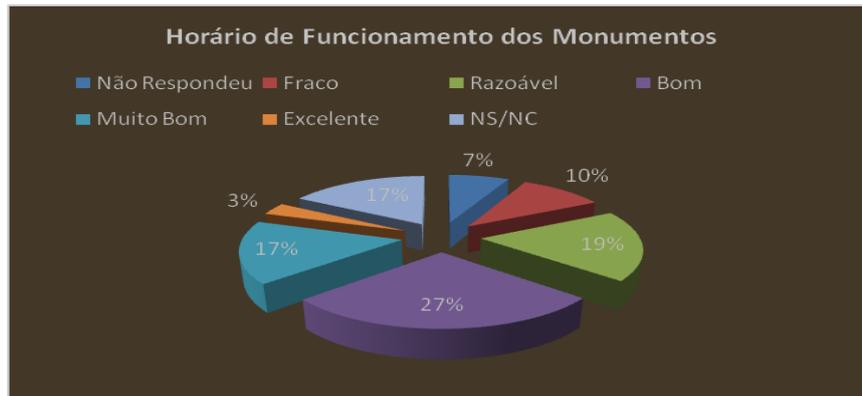
Gráfico 21



6.7.8 Horário de Funcionamento dos Monumentos

No que respeita aos horários dos monumentos, apesar de 25% ter escolhido a opção “Bom” e 17% a opção “Muito Bom”, 19% acham-no “Razoável” e 10%, fraco. Porém, boa parte dos inquiridos, na pergunta aberta sobre o que podia ser feito para melhorar as acessibilidades e aos monumentos, deixa uma nota negativa sobre os horários praticados.

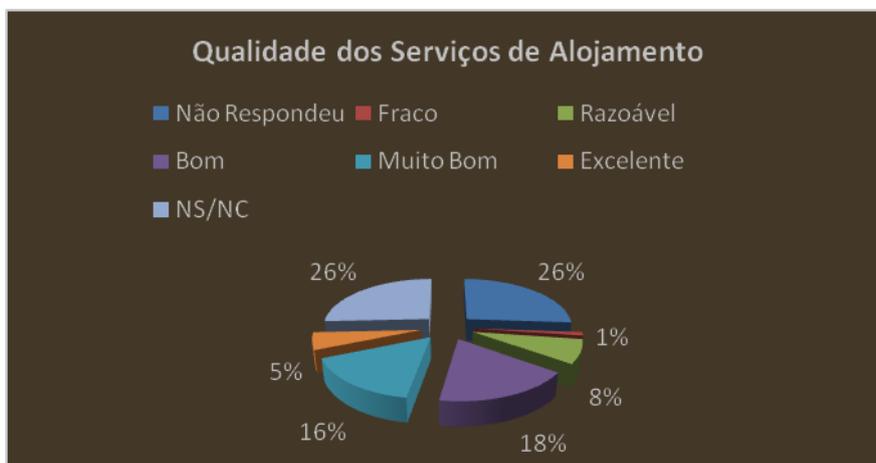
Gráfico 22



6.7.9 Qualidade dos Serviços de Alojamento

Quanto à qualidade dos Serviços de Alojamento, verifica-se que boa parte dos inquiridos não respondeu ou preferiu a opção “Não Sabe/Não Comenta”. Isso terá certamente a ver com o número de visitantes que não chegam a passar um dia inteiro na cidade e com os que optam pelos parques de campismo. Entretanto 18% consideram-nos “Bom” e 16%, “Muito Bom”, certamente, os que experimentaram os alojamentos da cidade.

Gráfico 23

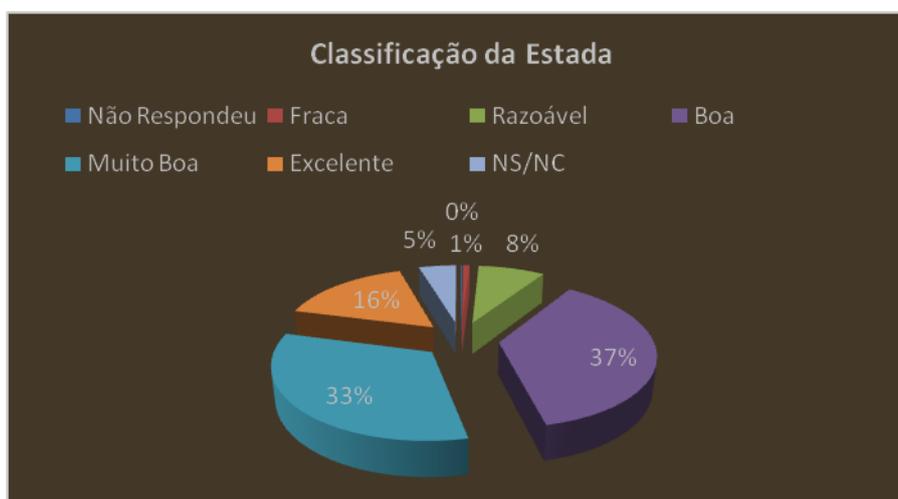


6.8 Avaliação da Estada e da Expectativa em Relação a Évora

6.8.1 Estada

Podemos concluir que 37% dos inquiridos classificam a sua estada em Évora como “Bom”. Por outro lado, 33% atribuem “Muito Boa” à sua estada e 16%, consideraram-na mesmo como sendo “Excelente”.

Gráfico 24



6.8.2 Recomendação de Évora como Destino Turístico

Neste ponto, a esmagadora maioria dos inquiridos, representando 96% do total, recomenda Évora como destino turístico.

Gráfico 25



6.9 Análise Conclusiva

Em resumo, podemos referir que da análise efectuada em relação ao perfil do visitante que optou por visitar Évora no Verão de 2010, constatamos que é na sua maioria, do sexo feminino e pertencente à faixa etária situada entre os 30 e os 39 anos de idade.

O grau de instrução predominante é o ensino superior, e a maioria encontra-se no activo. Entretanto, é de realçar uma boa margem de estudantes, o que demonstra o crescente interesse dos jovens, pelas questões do património.

Quanto à origem dos visitantes, observou-se que a maioria é proveniente do mercado interno, seguindo-se franceses, espanhóis e italianos.

Pôde-se constatar que a maioria dos visitantes obteve informação sobre Évora através da recomendação de amigos e familiares, e também, através da Internet.

O património monumental e o arqueológico surgem como os principais motivos de visita a Évora. Mas é também de constatar uma percentagem de visitantes que escolheram Évora, para praticar um turismo de natureza, e pela sua gastronomia e vinhos.

A maior parte dos visitantes chegou a Évora pela primeira vez, e a duração média da estada foi de cerca de 2,5 dias.

No que toca ao alojamento, a maioria ficou hospedada em hotéis, e o meio de transporte mais utilizado na deslocação a Évora foi o veículo próprio.

A maioria dos visitantes considera o património monumental como muito bom e uma boa percentagem consideram-no ainda como excelente. Isso demonstra que o valor do património eborense tem peso nos mercados emissores, sendo mesmo a primeira motivação da escolha de Évora como destino turístico.

Os visitantes que visitaram Évora neste período têm uma opinião bastante positiva sobre a gastronomia e os vinhos, e sobre o alojamento em termos gerais no Concelho de Évora.

É quanto à sinalética que as circunstâncias parecem fazer surgir a necessidade da continuação do presente estudo, uma vez que boa parte dos visitantes consideram-na boa mesmo quando não existe nenhuma, como é o caso da orientação para o Posto de Turismo, por exemplo, ou a sinalização das fontes de Évora. Tudo leva a crer que, ou facilitados por acção de guias para os que tiveram essa possibilidade, ou pela morfologia da cidade, cujas estradas e ruas confluem de forma natural para o centro, que coincide também com o centro histórico, ou por abordagem a locais, ou seguindo guias de viagens do turismo europeu, que muitos trazem desde o seu local de origem, a verdade é que a percepção pessoal da maioria dos inquiridos, nesta matéria, não correspondeu á realidade por nós experimentada nesta cidade.

Contudo, não podemos deixar de referir as limitações deste tipo de investigação baseada em inquéritos por questionários. Se entre as suas vantagens, podemos apontar a provisão de uma visão macro do perfil e das práticas do turista (Rodríguez, 2003), entre as suas desvantagens podemos identificar o facto de se centrar, exclusivamente, em dados verbais fornecidos pelos turistas. Por isso, este inquérito foi complementado com a utilização de uma técnica de investigação complementar, a observação, que pode proporcionar uma perspectiva mais completa e mais enriquecida.

Citando Bywater (1993) para o caso europeu, Perez aponta três perfis de turistas culturais:

- ✓ Os “culturalmente motivados”: São um segmento de mercado pequeno que é atraído a um destino devido por causas e motivos culturais, o que os leva a passar várias noites no local de destino turístico;
- ✓ Os “culturalmente inspirados”: São aqueles inspirados por sítios de interesse cultural e patrimonial como por exemplo, a Alhambra de Granada ou Veneza. Todos eles

querem ver os mesmos lugares, o que implica problemas de gestão patrimonial. Estes turistas passam curtos períodos de tempo nos destinos culturais e não estão motivados para regressar ao mesmo local;

- ✓ Os “culturalmente atraídos”: São aqueles que realizam visitas de um dia a sítios de interesse cultural ou patrimonial.

Para o caso de Évora, os visitantes inquiridos podem pertencer às categorias de “culturalmente motivados” e “culturalmente atraídos”.

Perez, (2004) ainda avança que apesar de Adam Smith ter afirmado, no Séc.XVIII, que o ócio e a cultura eram trabalhos não produtivos que não faziam parte da riqueza das nações, hoje em dia o panorama é bem distinto, pois a cultura gera rendimentos e empregos, e converteu-se num instrumento de política económica.

7 Considerações Finais e Propostas

Évora constitui-se num dos principais pólos do turismo cultural português, gerando motivações turísticas nas áreas do património cultural, turismo de natureza, património arqueológico, gastronomia e vinhos, e turismo em espaço rural. Dos atractivos turísticos existentes em Évora destaca-se o seu vasto património cultural, com enfoque para o património arquitectónico que desperta grande fascínio aos seus visitantes, bem preservado e vivenciado, e que esteve na base da sua declaração pela UNESCO, como Património Mundial da Humanidade.

Assim como as cidades espanholas de Ávila e Segóvia, mesmo sem nenhum planeamento inicial, a cidade abriu-se de forma natural e espontânea para a recepção e prática do turismo cultural, recebendo um tipo característico de turista, cuja motivação primeira é a de conhecer e conviver com marcos significantes de sítios históricos, deixados pelos povos que por lá passaram.

A exposição deste vasto património concentrado no Centro Histórico de Évora, torna-a inevitavelmente numa cidade museu, cujo espólio vale a pena preservar para as gerações futuras, e o turismo surge como uma alavanca de ligação entre o passado e o futuro.

Ao longo dos anos foram-se corrigindo debilidades e adaptada a Cidade para os novos desafios e as melhorias constantes das condições urbanas e de habitabilidade que a sociedade exige, porém se tomarmos o exemplo de Ávila e Segóvia, verificamos que muito ainda pode ser feito no sentido de melhorar a mobilidade e a fruição do património para todos.

Para esta dissertação de mestrado, analisamos o estado das acessibilidades e da fruição do património cultural pelo turismo. Chegamos à conclusão de que é ainda deficiente, e que carece de estudos e medidas eficientes e eficazes para se ter um nível de satisfação, que proporcione uma boa circulação e fruição do visitante pela cidade, na visita aos pontos de interesse para o turismo.

Na ideia sempre presente do turismo ser uma fonte geradora de divisas e de criação de empregos, a concorrência é sempre um factor de alerta e de procura de estratégias para a

melhoria da qualidade dos serviços prestados ao turista. Neste sentido, a busca de soluções para problemas identificados deve ser uma tarefa permanente e encarada de forma científica, voltada tanto para os locais como para o principal público-alvo, que neste caso, são os visitantes.

Assim, propúnhamos a revisão das sinaléticas na cidade, tanto a sinalética voltada para o trânsito que pretende aceder aos monumentos do Centro Histórico, como para o visitante que circulando a pé pela cidade, venha a poder encontrar com maior facilidade, os pontos de interesse para o turismo e a sua interpretação.

Nesse sentido, propomos uma maior atenção à informação a ser fixada em cada monumento, a fim do visitante poder, por si próprio interpretar o património visitado.

Na interpretação do património, a mensagem transmitida para facilitar a leitura do lugar deve ser equilibrada, estruturada por vários níveis de informação, concisa, possuir rigor científico e apresentar uma boa qualidade gráfica na exposição desses conteúdos.

Seguindo as sugestões de Gomes, reforçamos que “a mensagem deve ser adequada e diferenciada para todas as faixas etárias e estimular a participação activa do visitante no conhecimento do lugar, apelando aos vários sentidos, e respondendo às expectativas diferenciadas dos vários públicos que o visitam sejam eles crianças, adolescentes ou adultos.

A mensagem deve ter uma utilização regrada de termos técnicos e não se demorar em muitas descrições científicas para não desmotivar a leitura dos painéis e brochuras informativas, ainda que se deva ter em conta que uma mensagem demasiado simples também aborrece o visitante.

Deve imperar uma adequação dos meios e programas ao contexto para realçar os valores próprios do lugar, com as características dos bens interpretados a assumir o seu protagonismo desde as primeiras etapas do projecto de interpretação do património, ainda que sem destacar factos isolados ou sobre interpretar os recursos.

No entanto, colocar o objecto como catalisador de todas as atenções pode provocar demasiada curiosidade nos visitantes pondo em risco a sua integridade.

Nesta comunicação com o público, a mensagem deve ter impacto e ser capaz de despertar consciências e estimular o desejo de contribuir para a conservação e protecção do património.

Recorrendo ao entretenimento e em simultâneo a pesquisas rigorosas, faz com que o visitante adquira uma noção singular do local e saia enriquecido ao reviver o passado de modo prazenteiro.

8 Bibliografia

- AMIROU, R. (2000): *Imaginaire du tourisme culturel*. Col. "La politique éclatée". Paris: PUF.
- ANDRADE, José Vicente (1976): *Fundamentos e Dimensões do Turismo*, Belo horizonte. Editora Ática, 8 ed^a.
- ASHWORTH, Greg J.; LARKHAM, P.J. (eds.) (1994): *Building a New Heritage. Tourism, Culture and Identity in the New Europe*. London, Routledge.
- ASHWORTH, G. and GRAHAM, B. (2005): *Senses of Place: Senses of Time (Col. Heritage, Culture and Identity)*. Ashgate, Aldershot.
- BAPTISTA, Mário.(2000): *O Turismo na Economia: Uma abordagem técnica, económica, social e cultural*. Lisboa, Instituto Nacional de Formação Turística.
- BARRETO, Margarida (2007): *Cultura e Turismo: Discussões contemporâneas*. Campinas, SP: Papyrus.
- BARRETO, Margarida (1995): *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. Campinas, SP: Papyrus.
- BARROS, José da Cunha (2004): *A projecção do quotidiano no turismo e no lazer*. Lisboa, ISCSP/UTL.
- BENNETT, Oliver (1995): *Cultural policy in the United Kingdom: collapsing rationales and the end of a tradition*. Cultural policy, Amsterdam, v. 1, nº 2, p. 199-216.
- BODO, C. (1995) : "Nuevas Políticas para un turismo cultural sostenible", In Actas das Jornadas Europeias da Cultura, Lazer e Turimo (Guadalupe, Cáceres, 1995).
- BONIFACE, P. (1995): *"Managing Quality Cultural Tourism"*. London: Routledge.
- BOYD, Stephen (2002): *Cultural and heritage tourism in Canada: opportunities, principles and challenges*. Tourism and hospitality research, London, v. 3, nº 3, p. 211-233, Feb.

BRITO, Mónica e SILVA, Carlos (2005): *“Turismo e Planeamento: A Continuidade ou a Auto-Destruição”*. Revista Turismo & Desenvolvimento, vol. II (2), Aveiro, Universidade de Aveiro, pp. 11-24.

BYWATER, M. (1993): *“The market for cultural tourism in Europe”*, In Travel and Tourism Analyst n.º6, pp. 30-46.

CARVALHO, Paulo (2006): *“Turismo cultural, património e políticas públicas em contextos rurais de baixa densidade”*. In SANTOS, Graça; VIEIRA, Ricardo e MENDES, Maura (eds.): Actas do Congresso de Turismo Cultural, Território e Identidades. Leiria, Instituto Politécnico de Leiria, 20 pp (edição em cd-rom).

CAVACO, Carminda (2005): *“A diferenciação regional da função turística”*, in MEDEIROS, Carlos Alberto (coord.): Geografia de Portugal. Actividades Económicas e Espaço Geográfico (vol. 3), Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 385-394.

CME (2008): *Plano Director Municipal*, Évora.

COSTA, Vasco Martins (2006): *Património e Cidade*, Mesa Redonda na Universidade de Évora In Revista Monumento Abril/2007 (pg. 198)

CRAIK, J. (1997): *“The culture of Tourism”*, In Rojek, Ch. e Urry, J. (eds.): Touring Cultures. Transformations of Travel and Theory. London: Routledge.

CUNHA, Licínio (2003): *Introdução ao Turismo*. Lisboa, Editorial Verbo.

DENCKER, Ada F.M. (2007): *Pesquisa em turismo: planeamento, métodos e técnicas*. São Paulo: Futura.

DUARTE, Teresinha (coord.) (2007): *O Turismo no Espaço Rural 2006*. Lisboa, Direcção de Serviços de Estudos e Estratégia Turísticos/Divisão de Recolha e Análise Estatística, 21 pp.

ESPANCA, Túlio.(1987): *“Évora: Arte e História”*. Câmara Municipal de Évora.

ESPANCA, Túlio. (1993): *“Évora”*. Editorial Presença, Lisboa.

ESPANCA, Túlio. (1949): *“Évora: Guia Histórico-Artístico”*. Comissão Municipal de Turismo de Évora.

ESPERANÇA, Eduardo. (1996): *Património – Políticas e práticas culturais: para uma abordagem comunicacional*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

FONSECA, Maria Aparecida (2005): *Espaço, políticas de turismo e competitividade*. Natal, EDUFRN.

FORTUNA, Carlos. (1997): *“Les Centres Historiques et Monumentaux des Villes: Tourisme urbain et patrimoine à Évora et à Coimbra”* (1997). Universidade de Coimbra .

FRANCO, Pe. António (1945/46); GUSMÃO, Armando. *Évora ilustrada*. Évora, Nazaré.

GUERREIRO, José Emílio (1991): *“O processo de recuperação do Centro Histórico de Évora. Planeamento e prática urbanística - Ligados à população”*, Sociedade e Território, Revista de estudos urbanos e regionais, ano 5, nº 14/15, “Património, ambiente e reabilitação urbana”, Lisboa.

HALL, C. (2000): *Tourism Planning: Policies, Process and Relationships*. Prentice Hall, Harlow .

HENRIQUES, Cláudia (2003): *Turismo, cidade e cultura. Planeamento e gestão sustentável*. Lisboa, Edições Sílabo.

HENRIQUES, Eduardo Brito (2003): *Cultura e território, das políticas às intervenções, Estudo geográfico do património histórico-arquitectónico e da sua salvaguarda*, dissertação de doutoramento em geografia Humana, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

HILL, Manuela M. ; HILL, Andrew (2009): *Investigação por Questionário*. 2.ª Edição - 4.ª Impressão, Edições Sílabo ; Lisboa.

HOWARD, P. (2003): *Heritage: management, interpretation, identity*. Continuum, London.

KÖHLER, André Fontan; DURAND, José C.Garcia (2007): *Turismo Cultural: Conceituação, fontes de crescimento e tendências*, em *Turismo – Visão e Ação* + Vol. 9 – n.2 pg 185-198 Maio/Ago.

JOKILETHO, Juka (2002): *Gestão do Património Cultural Integrado*. Recife: ED. Universidade da UFPE.

LARAIA, Roque de B.(2001): *Cultura, um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LEASK, A. and FYALL, A (2006).: *Managing World Heritage Sites*. Butterworh-Heinemann.

MCKERCHER, Bob; DU CROS, Hilary (2003): *Testing a cultural tourism typology*, in The international journal of tourism research, Chichester, v. 5, nº 1, p. 45-58, Jan./Fev.

MCKERCHER, B. and DUCROS, H. (2002): *Cultural tourism: The partnership between tourism and cultural heritage management*. The Haworth Hospitality Press, Inc., New York, London, Oxford.

MURTA, S.; ALBANO, C. (2005): *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte Ed. UFMG.

OA, Oficina de Arquitectura.(1996): “*O Turismo em Évora – Contribuição para a definição de uma estratégia municipal*”.

OLIVEIRA, José Ernesto (2007): *Património e Cidade*, Mesa Redonda na Universidade de Évora 2006 – In Revista Monumento Abril (pg. 198)

ORY, P. (1993): *Voyages, culture et littérature*, em *Tourisme et culture. De la coexistence au partenariat Rencontres de Courchevel 1993*. Rueil-Malmaison-France.

PAGE, S. and HALL, C. (2003): *Managing Urban Tourism*. Prentice Hall, London.

PEREZ, Xerardo Pereiro (2001): *Turismo Cultural: Leituras da Antropologia*, em Congresso internacional de Turismo Cultural, organizado por Naya (Notícias de Antropologia e Arqueologia – Argentina, www.naya.org).

PORTUGUEZ, Anderson (Org.) (2004). *Turismo, Memória e Património Cultural*. 1 Ed. São Paulo: Roca.

PRENTICE, R. (1999): *Tourism and Heritage Attractions*. Routledge, London.

RAMALHETE, Filipa; SIMÕES, Helena (1999): *(Con)viver com o património – problemas e práticas na salvaguarda da arquitectura tradicional*, Lisboa, GEOTA, texto policopiado.

RICHARDS, G.: *Introduction (1996): Culture and Tourism in Europe* em Richards, G. (ed.): *Cultural Tourism in Europe*. Oxon: CAB International.

RICHARDS, G. (1998): *“Cultural tourism in Europe: recent developments”*. In Proceedings of European Congress about Cultural Itineraries and Thematic Routes. Logroño, Fundación Caja Rioja, pp. 105-113 .

RICHARDS, G. (2000): *Políticas y actuaciones en el campo del turismo cultural europeo*, em HERRERO PRIETO, L. C. (coord.) (2000): *Turismo cultural: El patrimonio histórico como fuente de riqueza*. Valladolid: Fundación del Patrimonio Histórico de Castilla y León.

RICHARDS, G. (2001): *The Development of Cultural Tourism in Europe*, em Richards, G. (ed.): *Cultural Attractions and European Tourism*. Oxon.

RODRÍGUEZ, M. Latiesa (2003): *“Metodología de la investigación social para el turismo”*. In A. Rubio Gil (Coord.), *Sociología del turismo*. Madrid. Ariel Turismo. (pp. 83-94).

SANTOS, G., VIEIRA, R. e MENDES, M. (eds.) (2006): *Actas do Congresso de Turismo Cultural, Território e Identidades*. Instituto Politécnico de Leiria, Leiria.

SANTOS, J. L. (1999): *O que é a cultura*. São Paulo, Brasilense.

SARAMAGO, José, GAGEIRO, Eduardo (1999): *Évora – Património da Humanidade*. Câmara Municipal de Évora.

UNIVERSIDADE DE ÉVORA (2009): *Plano de Desenvolvimento Estratégico de Évora*.

WOLFE, T. (1988): *L’arte come nuova religione*, em *Il giornale dell’arte*. Torino.

9 Sites Consultados

BELTRÃO, Ana Raquel, *Património Cultural* – Novas Fronteiras

http://www.estig.ipbeja.pt/~ac_direito/artigo_3.pdf - Acedido a 12/08/10

Câmara Municipal de Évora,

<http://www.cm-evora.pt/pt/conteudos/noticias/24%20Anos%20de%20C3%89vora%20como%20Patrim%C3%B3nio%20da%20Humanidade.htm> - Acedido a 11/12/10

Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes (ONU, Genebra – 1975)

<http://www.cedipod.org.br/W6ddpd.htm> - Acedido a 08/04/2011

Delegação Regional de Cultura do Alentejo

<http://www.cultura-alentejo.pt/>

GARE, Estatutos

URL: http://www.gare.pt/ficheiros_pdf/Estatutos_v4.pdf - Acedido a 17/09/10

GOMES, Rosa: *Turismo Cultural e Interpretação – Uma Estratégia Para a Dinamização dos Patrimónios*

URL: <http://www.agoracultura.com/docs/turismocultural.pdf> - Acedido em 12/07/10

Guia Turístico de Évora

<http://www2.cm-evora.pt/guiaturistico/>

Nuno Ribeiro Lopes Arquitectos, 2010

<http://nurilo.com/pt/ongoing/> - Acedido a 12/12/10

PEREZ, Xerardo Pereiro, 2002. *Itinerários Turístico-Culturais: Análise de uma experiência na Cidade de Chaves.*

http://home.utad.pt/~xperez/ficheiros/publicacoes/turismo_cultural/Intinerarios_Turismo_Cultural_Urbano.pdf - Acedido a 12/09/10

RODRIGUES, José Eduardo Ramos, *O Acesso do Portador de Deficiência ao Património Cultural*

URL: http://www.ibap.org/ppd/artppd/artppd_jerr01.htm - Acedido a 15/08/10

SANTOS, Cecília Rodrigues Dos, 2003: *Novas fronteiras e novos pactos para o património cultural.*

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.039/658> - Acedido em 14/08/10

Turismo de Castella e Leon

http://www.turismocastillayleon.com/cm/turcyl/tkContent?pgseed=1260986441049&idContent=54&locale=es_ES&textOnly=false - Acedido em 20/07/10

Turismo de Segovia,

URL: <http://www.turismodesegovia.com/contenidos.asp?id=1&ban=0>

Turismo De Segovia - Gestion Y Calidad Turistica Ciudad De Segovia

URL: <http://www.turismodesegovia.com/pdf/sp/3-1.pdf> - Acedido a 12/08/10

UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

URL: www.whc.unesco.org – Acedido a 01/09/10

ZANIRATO, Sílvia Helena, 2008, A mobilidade nas Cidades Históricas e a protecção do património.

http://www.eca.usp.br/turismocultural/Retc04_arquivos/S%C3%ADlviaHelena_Mobilidade.pdf – Acedido em 05/12/09

10 Anexos

Anexo I – Modelo de Questionário Utilizado

Questionário sobre estudo de turismo, que decorrerá entre Julho e Setembro de 2010, e que pretende caracterizar o perfil do turista a nível sócio-demográfico, assim como apurar o grau de satisfação relativamente aos principais recursos turísticos do concelho.	
GRATOS PELA SUA COLABORAÇÃO!	Tempo aproximado de preenchimento = 5 minutos

<i>The main goal of this study which will take place between March 2010 and March 2011, is to define the socio-demographic tourist profile, as well as determine the satisfaction degree according to the main tourism resources of the region.</i>	
<i>THANK YOU FOR YOUR COOPERATION!</i>	<i>Approximate time to fill this questionnaire = 5 minutes</i>

QUESTIONÁRIO N.º		Data / Date		2010
------------------	--	-------------	--	------

P.1. É a primeira vez que vem a Évora?

Q.1. *Is it your first time in Evora?*

- Sim / Yes Não / No

P.2. Motivo(s) da visita a Évora:

Q.2. *Motives of your visit / journey to Evora:*

- Património Monumental / *Monumental heritage*
- Património Arqueológico / *Archaeological heritage*
- Gastronomia e Vinhos / *Gastronomy and Wines*
- Eventos culturais / *Cultural events*
- Turismo de Negócios / *Businesses / Professional Reasons*
- Turismo de Natureza / *Nature tourism*
- Congressos / colóquios / *Congresses*
- Outros / *Other:* _____

P.3. Meio de transporte utilizado na deslocação a Évora:

Q.3. Mean of transportation used to come to Evora:

- Autocarro / *Bus*
- Comboio / *Train*
- Veículo próprio / *Own vehicle*
 - Automóvel / *Car*
 - Autocaravana / *Autocaravan*
 - Moto / *Moto*
- Rent-a-car
- Outro / *Other:* _____

P.4. Pessoas com quem viaja:

Q.4. With whom are you travelling?

- Sozinho / *Alone*
- Família / *With the family*
- Amigos / *Friends*
- Em grupo organizado / *In organized group*

P.5. Tipo(s) de alojamento escolhido:

Q.5. Accommodation:

- Hotel / *Hotel*
- Pousada Histórica / *Historic Pousada*
- Albergaria / *Hostel*
- Hospedaria / *Inn*
- Turismo em Espaço Rural (TER) / *Tourism in the country*
- Residencial / *Residential*
- Pensão / *Pension*
- Parque de Campismo / *Camping*
- Outro / *Other:* _____

P.6. Duração da estadia

Q.6. How long will you stay in Evora?

- < 1 Dia / < 1 Day
- 1 Dia / 1 Day
- 2 Dias / 2 Days
- 3 Dias / 3 Days
- 4 Dias / 4 Days
- 5 Dias / 5 Days
- > 5 Dias / > 5 Days

P.7. Como obteve informação sobre o destino turístico de Évora?

Q.7. How did you get tourist information about Evora?

- Recomendação de familiares e/ou amigos / *Friends/family recommendations*
- Recomendação de operador turístico / *Through a travel agency*
- Guias turísticos especializados / *Travel guides or guidebooks*
- Feiras de turismo e exposições / *Tourism fairs and exhibitions*
- Internet / *Internet*
- Visita anterior / *Repeat visitor*
- Outros / *Other:* _____

P.8. Pondere o seu grau de satisfação em relação a:

Q.8. Classify the following elements:

Elementos / Elements	Fraco Weak	Razoável Reasonable	Bom Good	Muito Bom Very Good	Excelente Excellent	NS – NC NC
1 - Património Monumental / <i>Monumental heritage</i>						
2 – Gastronomia e Vinhos / <i>Gastronomy and Wines</i>						
3 - Monumentos Megalíticos / <i>Megalithic monuments</i>						
4 - Posto de Turismo / <i>Tourism office</i>						
4.1 – Acolhimento turístico / <i>Tourism office reception</i>						
4.2 – Material promocional (Brochuras, mapas, etc...) / <i>Tourist information (Pamphlets, maps, etc...)</i>						
5 - Sinalética → Qualifique os seguintes elementos / <i>Tourist signalization – Classify the following elements:</i>						
5.1 - Sinalética de acesso ao Centro Histórico / <i>Signage to access to the Historic center</i>						
5.2 - Sinalética do Posto de Turismo / <i>Tourism office signage</i>						
5.3 - Sinalética dos monumentos do Centro Histórico / <i>Monuments signage</i>						

5.4 - Sinalética das unidades de alojamento / <i>Hotels signage</i>						
5.5 - Sinalética dos parques de estacionamento / <i>Parking signage</i>						
5.6 - Sinalética dos monumentos megalíticos / <i>Megalithic monuments signage</i>						
6 - Acessibilidades p/ indivíduos portadores de deficiência / <i>Accessibilities to disabled / handicapped persons</i>						
7 - Horário de funcionamento dos monumentos / <i>Monuments timetable</i>						
8 - Espaços verdes / Circuitos pedestres e ambientais / <i>Public green areas / Pedestrian and environmental circuits</i>						
9 - Oferta existente de parques de estacionamento / <i>Parking offer</i>						

P.9. Na sua opinião, o que poderia ser feito para melhorar as acessibilidades aos monumentos?

Q.9. In your opinion, what could be done to improve the accessibility to monuments?

P.10. Qualifique a oferta de alojamento:

Q.10. Classify the following elements of accommodation:

(Caso não tenha ficado hospedado em unidade hoteleira, passe para a questão 11)

(If you have not been staying in a hotel unit, go to question 11)

Alojamento / Accommodation elements	Fraco	Razoável	Bom	Muito Bom	Excelente	NS – NC
	<i>Weak</i>	<i>Reasonable</i>	<i>Good</i>	<i>Very Good</i>	<i>Excellent</i>	<i>NC</i>
Qualidade dos serviços de alojamento / <i>Quality of hotel services</i>						
Actividades complementares (Ex: Animação turística) / <i>Additional services (Leisure, entertainment, sports)</i>						
Infra-estruturas de alojamento / <i>Infrastructures</i>						
Relação Qualidade / Preço / <i>Price – Quality relationship</i>						

P.11. Em termos globais, como classifica a sua estadia em Évora?

Q.11. *How do you classify Evora?*

- | | | |
|-------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|--------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Fraca / <i>Weak</i> | <input type="checkbox"/> Razoável / <i>Reasonable</i> | <input type="checkbox"/> Boa / <i>Good</i> |
| <input type="checkbox"/> Muito boa / <i>Very Good</i> | <input type="checkbox"/> Excelente / <i>Excellent</i> | <input type="checkbox"/> NS/NC / <i>NC</i> |

P.12. Recomendaria Évora como destino turístico?

Q.12. *Would you recommend this tourist destination?*

- | | | |
|-------------------------------------------|------------------------------------------|--------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Sim / <i>Yes</i> | <input type="checkbox"/> Não / <i>No</i> | <input type="checkbox"/> NS/NC / <i>NC</i> |
|-------------------------------------------|------------------------------------------|--------------------------------------------|

P.13. Na sua opinião, o que poderia ser feito para aumentar a estadia dos turistas em Évora?

Q.13. *In your opinion, what could be done to enhance the stay of tourists?*

DADOS PESSOAIS

PERSONAL INFORMATION

P.14. Nacionalidade / *Nationality* _____

P.14.

Faixa
etária

/ *Age*:

- | | | | | | |
|------------------------------|--------------------------------|--------------------------------|--------------------------------|--------------------------------|------------------------------|
| <input type="checkbox"/> <20 | <input type="checkbox"/> 20-29 | <input type="checkbox"/> 30-39 | <input type="checkbox"/> 40-49 | <input type="checkbox"/> 50-59 | <input type="checkbox"/> >59 |
|------------------------------|--------------------------------|--------------------------------|--------------------------------|--------------------------------|------------------------------|

P.15. Género / *Sex*:

- | | |
|---------------------------------------------------|--------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Feminino / <i>Female</i> | <input type="checkbox"/> Masculino / <i>Male</i> |
|---------------------------------------------------|--------------------------------------------------|

P.16. Habilitações académicas:

Q.16. Academic situation:

- Ensino Básico / *Elementary school*
- Ensino Secundário / *High school*
- Curso Técnico – Profissional / *Technical / Professional course*
- Ensino Superior / *Ensino Superior*

P.17. Situação profissional:

P.17. Professional situation:

- Estudante / *Student*
- Activo / *Working*
- Desempregado (a) / *Unemployed*
- Reformado (a) / *Retired*

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!

THANK YOU FOR YOUR COOPERATION!

Anexo II – Quadros do Perfil do Turista, Extraídos por SPSS

Quadro 1 - Turistas que Visitam Évora, Segundo o Sexo

		Sexo			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Feminino	277	53,2	53,2	53,2
	Masculino	244	46,8	46,8	100,0
	Total	521	100,0	100,0	

Quadro 2 - Turistas que Visitam Évora, Segundo a Idade

		Idade			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	<20	41	7,9	7,9	7,9
	20-29	132	25,3	25,3	33,2
	30-39	148	28,4	28,4	61,6
	40-49	98	18,8	18,8	80,4
	50-59	64	12,3	12,3	92,7
	>59	38	7,3	7,3	100,0
	Total	521	100,0	100,0	

Quadro 3 - Turistas que Visitam Évora, Segundo as Habilitações Académicas

		Habilitações Académicas			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nr	10	1,9	1,9	1,9
	Ensino Básico	32	6,1	6,1	8,1
	Ensino secundário	89	17,1	17,1	25,1
	Curso técnico - profissional	94	18,0	18,0	43,2
	Ensino Superior	296	56,8	56,8	100,0

Habilitações Académicas

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid nr	10	1,9	1,9	1,9
Ensino Básico	32	6,1	6,1	8,1
Ensino secundário	89	17,1	17,1	25,1
Curso técnico - profissional	94	18,0	18,0	43,2
Ensino Superior	296	56,8	56,8	100,0
Total	521	100,0	100,0	

Quadro 4 - Turistas que Visitam Évora, Segundo a Situação Profissional

Situação Profissional

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid nr	8	1,5	1,5	1,5
Estudante	86	16,5	16,5	18,0
Activo	359	68,9	68,9	86,9
Desempregado (a)	30	5,8	5,8	92,7
Reformado (a)	38	7,3	7,3	100,0
Total	521	100,0	100,0	

Quadro 5 - Turistas que Visitam Évora, Segundo a Nacionalidade

		Nacionalidade			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Alemã	21	4,0	4,0	4,0
	Americana	5	1,0	1,0	5,0
	Argentina	1	,2	,2	5,2
	Australiana	4	,8	,8	6,0
	Austríaca	1	,2	,2	6,1
	Azerbeijana	1	,2	,2	6,3
	Belga	9	1,7	1,7	8,1
	Brasileira	29	5,6	5,6	13,6
	Britânica	1	,2	,2	13,8
	Caboverdiana	3	,6	,6	14,4
	Canadiana	4	,8	,8	15,2
	Checa	3	,6	,6	15,7
	Dinamarquesa	3	,6	,6	16,3
	Espanhola	40	7,7	7,7	24,0
	Francesa	51	9,8	9,8	33,8
	Galesa	1	,2	,2	34,0
	Georgiana	2	,4	,4	34,4
	Grega	2	,4	,4	34,7
	Guineense	1	,2	,2	34,9
	Holandesa	6	1,2	1,2	36,1
	Italiana	1	,2	,2	36,3
	Inglesa	5	1,0	1,0	37,2
	Italiana	39	7,5	7,5	44,7
	Japonesa	1	,2	,2	44,9
	Lituana	3	,6	,6	45,5
	Mexicana	3	,6	,6	46,1
	Norueguesa	1	,2	,2	46,3
	Polaca	12	2,3	2,3	48,6
	Portuguesa	262	50,3	50,3	98,8
	Russa	1	,2	,2	99,0
Sueca	1	,2	,2	99,2	
Suiça	1	,2	,2	99,4	
Taiwanesa	1	,2	,2	99,6	
Turca	1	,2	,2	99,8	

Quadro 6 - Turistas que Visitam Évora, Segundo os Motivos de Visitas

Motivos de Visita		
	Frequência	Porcentagem
Património Monumental	357	41%
Património Arqueológico	159	18%
Gastronomia e Vinhos	100	12%
Eventos Culturais	57	6%
Turismo de Negócios	9	1%
Turismo de Natureza	109	12,6%
Congressos/Colóquios	4	0,4%
Outros Motivos	68	9%
	863	100%

O quadro acima, foi elaborado em Excel com base nos resultados do quadro abaixo, extraído com o SPSS.

Quadro 7 – Motivos de Visita

Statistics								
	Património Monumental	Património Arqueológico	Gastronomia e Vinhos	Eventos culturais	Turismo de negócios	Turismo de Natureza	Congressos / colóquios	Outros motivos de visita
Valid	521	521	521	521	521	521	519	521
Missing	0	0	0	0	0	0	2	0
Sum	357	159	100	57	20	109	4	68

Quadro 8 - Meios de Transportes Utilizados

		Meios de transporte			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Autocarro	104	20,0	20,0	20,0
	Comboio	4	,8	,8	20,7
	Veiculo próprio - Automóvel	308	59,1	59,1	79,8
	Veiculo próprio - Autocaravana	14	2,7	2,7	82,5
	Veiculo próprio - Moto	5	1,0	1,0	83,5
	Rent-a-car	79	15,2	15,2	98,7
	Outros	7	1,3	1,3	100,0
	Total	521	100,0	100,0	

Quadro 9 - Tipos de Alojamento

		Tipos de alojamento escolhido			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nr	66	12,7	12,7	12,7
	Hotel	147	28,2	28,2	40,9
	Pousada	18	3,5	3,5	44,3
	Albergaria	30	5,8	5,8	50,1
	TER	33	6,3	6,3	56,4
	Residencial	25	4,8	4,8	61,2
	Pensão	35	6,7	6,7	67,9
	Parque de campismo	51	9,8	9,8	77,7
	Outro	115	22,1	22,1	99,8
	na	1	,2	,2	100,0
	Total	521	100,0	100,0	

Quadro 10 - Duração da Estada

		Duração da estada (dias)			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	1	,2	,2	,2
	<1	220	42,2	42,3	42,5
	1	90	17,3	17,3	59,8
	2	104	20,0	20,0	79,8
	3	43	8,3	8,3	88,1
	4	10	1,9	1,9	90,0
	5	24	4,6	4,6	94,6
	>5	28	5,4	5,4	100,0
	Total	520	99,8	100,0	
Missing	System	1	,2		
Total		521	100,0		

Quadro 11 - Duração da Estada – Cálculo da Estada Média

Statistics		
Duração da estada (dias)		
N	Valid	520
	Missing	1
Mean		2,45
Median		2,00
Mode		1
Sum		1274

Quadro 12 - Frequência de Visita

		Situação da visita			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	198	38,0	38,0	38,0
	Sim	321	61,6	61,6	99,6
	2	2	,4	,4	100,0
	Total	521	100,0	100,0	

Quadro 13 - Frequência de Visita

Statistics							
	Recomendação de familiares e amigos	Recomendação de Agência de viagens	Guias turísticos especializados	Feiras de Turismo e exposições	Internet	Visita anterior	Outros (informação sobre Évora)
Valid	521	521	521	521	521	521	521
Missing	0	0	0	0	0	0	0
Sum	196	20	146	10	143	102	60

Quadro 14 - Avaliação do Património Monumental

Património Monumental					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nr	15	2,9	2,9	2,9
	Fraco	3	,6	,6	3,5
	Razoável	16	3,1	3,1	6,5
	Bom	124	23,8	23,8	30,3
	Muito Bom	220	42,2	42,2	72,6
	Excelente	129	24,8	24,8	97,3
	NS/NC	14	2,7	2,7	100,0
	Total	521	100,0	100,0	

Quadro 15 - Avaliação da Gastronomia e Vinhos

		Gastronomia e Vinhos			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nr	35	6,7	6,7	6,7
	Fraco	5	1,0	1,0	7,7
	Razoável	23	4,4	4,4	12,1
	Bom	140	26,9	26,9	39,0
	Muito Bom	144	27,6	27,7	66,7
	Excelente	54	10,4	10,4	77,1
	NS/NC	119	22,8	22,9	100,0
	Total	520	99,8	100,0	
Missing	System	1	,2		
Total		521	100,0		

Quadro 16 - Avaliação das Infra-estruturas de Alojamento

		Infra-estruturas de Alojamento			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nr	148	28,4	28,4	28,4
	Fraco	7	1,3	1,3	29,8
	Razoável	44	8,4	8,4	38,2
	Bom	104	20,0	20,0	58,2
	Muito Bom	72	13,8	13,8	72,0
	Excelente	18	3,5	3,5	75,4
	NS/NC	127	24,4	24,4	99,8
	44	1	,2	,2	100,0
	Total	521	100,0	100,0	

Quadro 17 - Avaliação do Acolhimento no Posto de Turismo

Acolhimento no Posto de Turismo					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nr	40	7,7	7,7	7,7
	Fraco	14	2,7	2,7	10,4
	Razoável	45	8,6	8,6	19,0
	Bom	141	27,1	27,1	46,1
	Muito Bom	103	19,8	19,8	65,8
	Excelente	52	10,0	10,0	75,8
	NS/NC	126	24,2	24,2	100,0
	Total	521	100,0	100,0	

Quadro 18 - Avaliação dos Materiais Promocionais do Posto de Turismo

Materiais promocional (folhetos, mapas,etc)					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nr	41	7,9	7,9	7,9
	Fraco	9	1,7	1,7	9,6
	Razoável	54	10,4	10,4	20,0
	Bom	150	28,8	28,8	48,8
	Muito Bom	120	23,0	23,0	71,8
	Excelente	38	7,3	7,3	79,1
	NS/NC	108	20,7	20,7	99,8
	66	1	,2	,2	100,0
	Total	521	100,0	100,0	

Quadro 19 - Avaliação da Sinalética de Acesso ao Centro Histórico

Sinalização de acesso ao Centro Histórico

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid nr	25	4,8	4,8	4,8
Fraco	18	3,5	3,5	8,3
Razoável	87	16,7	16,7	25,0
Bom	191	36,7	36,7	61,6
Muito Bom	129	24,8	24,8	86,4
Excelente	44	8,4	8,4	94,8
NS/NC	27	5,2	5,2	100,0
Total	521	100,0	100,0	

Quadro 20 - Avaliação da Sinalética de Acesso ao Posto de Turismo

Sinalização de acesso ao Posto de Turismo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid nr	34	6,5	6,5	6,5
Fraco	34	6,5	6,5	13,1
Razoável	79	15,2	15,2	28,2
Bom	158	30,3	30,3	58,5
Muito Bom	108	20,7	20,7	79,3
Excelente	28	5,4	5,4	84,6
NS/NC	80	15,4	15,4	100,0
Total	521	100,0	100,0	

Quadro 21 - Avaliação da Sinalética dos Monumentos do Centro Histórico

Sinalização dos monumentos do Centro Histórico

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nr	32	6,1	6,1	6,1
	Fraco	32	6,1	6,1	12,3
	Razoável	90	17,3	17,3	29,6
	Bom	178	34,2	34,2	63,7
	Muito Bom	123	23,6	23,6	87,3
	Excelente	36	6,9	6,9	94,2
	NS/NC	30	5,8	5,8	100,0
	Total	521	100,0	100,0	

Quadro 22 - Avaliação da Sinalética dos Parques de Estacionamento

Sinalização dos parques de estacionamento

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nr	36	6,9	6,9	6,9
	Fraco	14	2,7	2,7	9,6
	Razoável	70	13,4	13,4	23,0
	Bom	184	35,3	35,3	58,3
	Muito Bom	102	19,6	19,6	77,9
	Excelente	34	6,5	6,5	84,5
	NS/NC	81	15,5	15,5	100,0
	Total	521	100,0	100,0	

Quadro 23 - Avaliação das Acessibilidades dos Portadores de Deficiência

Acessibilidades p/ individuos portadores de deficiência

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nr	62	11,9	11,9	11,9
	Fraco	43	8,3	8,3	20,2
	Razoável	76	14,6	14,6	34,7
	Bom	84	16,1	16,1	50,9
	Muito Bom	35	6,7	6,7	57,6
	Excelente	22	4,2	4,2	61,8
	NS/NC	199	38,2	38,2	100,0
	Total	521	100,0	100,0	

Quadro 24 - Avaliação dos Horários de Funcionamento dos Monumentos

Horário de funcionamento dos monumentos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nr	38	7,3	7,3	7,3
	Fraco	53	10,2	10,2	17,5
	Razoável	97	18,6	18,6	36,1
	Bom	143	27,4	27,4	63,5
	Muito Bom	86	16,5	16,5	80,0
	Excelente	17	3,3	3,3	83,3
	NS/NC	87	16,7	16,7	100,0
	Total	521	100,0	100,0	

Quadro 25 - Avaliação da Qualidade dos Serviços de Alojamento

Qualidade dos serviços de alojamento

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nr	136	26,1	26,1	26,1
	Fraco	6	1,2	1,2	27,3
	Razoável	40	7,7	7,7	34,9
	Bom	92	17,7	17,7	52,6
	Muito Bom	84	16,1	16,1	68,7
	Excelente	29	5,6	5,6	74,3
	NS/NC	134	25,7	25,7	100,0
	Total	521	100,0	100,0	

Quadro 26 - Avaliação da Estada

Como classifica a sua estada em Évora

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	1	,2	,2	,2
	Fraca	4	,8	,8	1,0
	Razoável	43	8,3	8,3	9,2
	Boa	194	37,2	37,2	46,4
	Muito Boa	170	32,6	32,6	79,1
	Excelente	85	16,3	16,3	95,4
	NS/NC	24	4,6	4,6	100,0
	Total	521	100,0	100,0	

Quadro 27 - Recomendação de Évora Enquanto Destino Turístico

Recomendaria Évora como destino turístico

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nr	5	1,0	1,0	1,0
	Sim	501	96,2	96,2	97,1
	Não	6	1,2	1,2	98,3
	NS/NC	9	1,7	1,7	100,0
	Total	521	100,0	100,0	